LYRICAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

COM TRADUCÇÕES

FRANCEZAS E CASTELHANAS

DE

JOSÉ BÉNOLIEL
S. S. G. L.

PREFACIADAS POR

XAVIER DA CUNHA
S. S. G. L.

LYRICAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

JUSTIFICAÇÃO DA TIRAGEM

---

3 exemplares em papel de linho branco nacional
1:000 em papel de algodão de 1.ª qualidade

QUARTO CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DA INDIA

CONTRIBUIÇÕES
DA
SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

LYRICAS
DE
LUIZ DE CAMÕES

COM TRADUCÇÕES
FRANCEZAS E CASTELHANAS

DE
JOSÉ BÉNOLIEL
S. S. G. L.

PREFACIADAS
POR
XAVIER DA CUNHA
S. S. G. L.

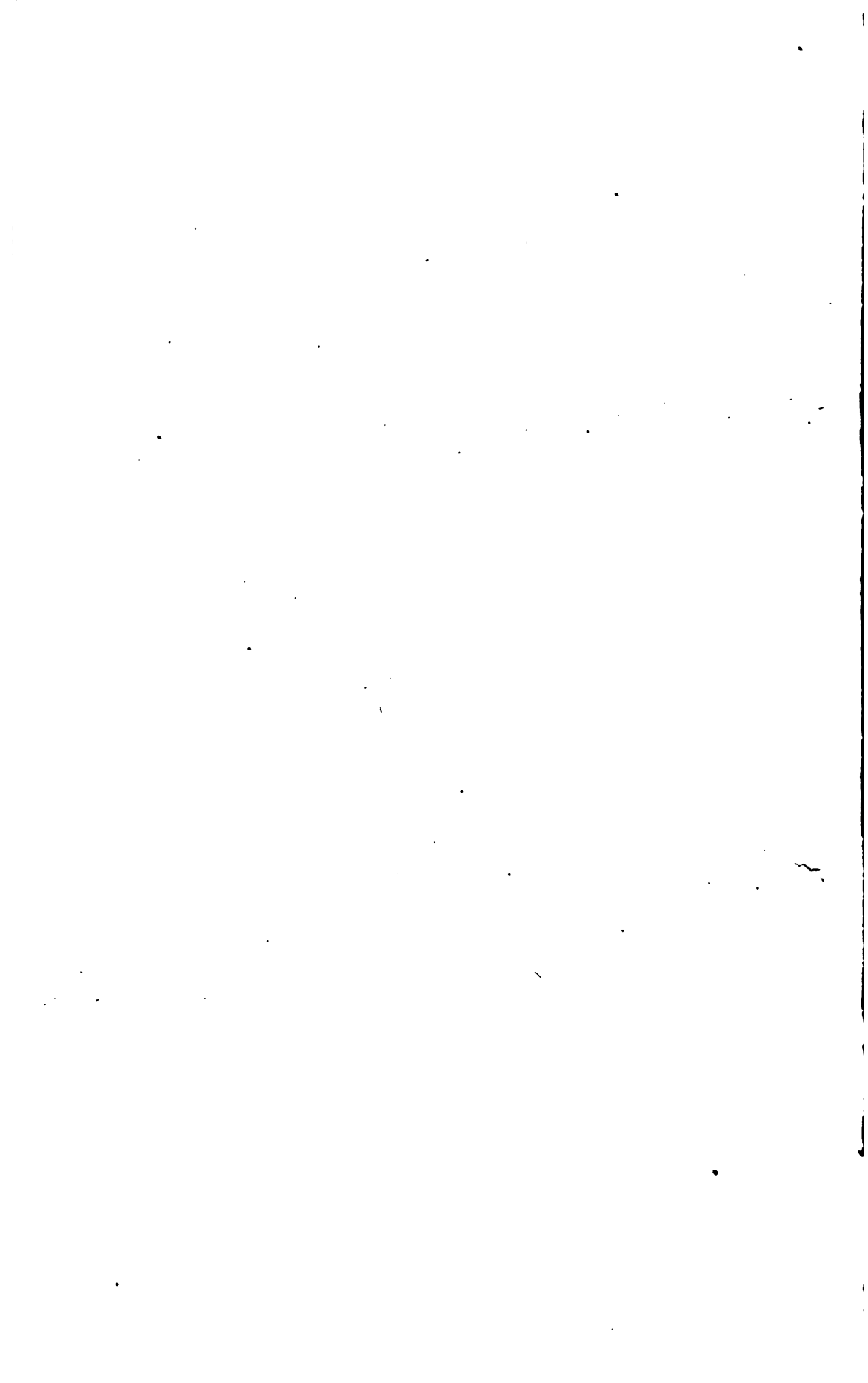
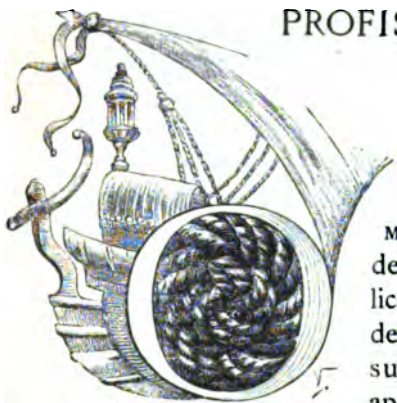
LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1898

Ao Ill.^mo e Ex.^mo Senhor

Dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro

Dae vós favor ao novo atrevimento,
Para que estes meus versos vossos sejam.

CAMÕES — *Os Lusiadas*, Canto I, Est. 18.

JOSÉ BÉNOLIEL.

PROFISSÃO-DE-FÉ

O MEU Professor de Botanica, João de Andrade Corvo, que em suas licções na Eschola Polytechnica de Lisboa não tratava só de assumptos phytonomicos, mas aproposito de vegetaes discursava *de omni scibili,* á similhança do que practicavam na Eschola Medico-Cirurgica o Professor de Anatomia Dr. Thomaz de Carvalho, o Professor de Pathologia-Externa José Antonio de Arantes Pedroso, e na aula de Obstetricia o Professor José Eduardo Magalhães Coutinho, —circumstancia notavel esta, que no exercicio da cathedra lhes outorgava fóros de verdadeiros encyclopedistas, e que dava em resultado a producção de alumnos muito illustrados, entre os quaes por meus

minguados dotes eu constituia a unica excepção, — João de Andrade Corvo disse-nos uma vez, aos meus condiscipulos e a mim, não me lembra já-'gora a que proposito (mas o inclito Mestre sabía tornar apropositadas sempre as suas interessantissimas digressões), disse-nos uma vez que o Poeta d'*Os Lusiadas,* especialmente conhecido pela sua immortal Epopéa, não merecia menos a attenção dos criticos e o applauso dos admiradores pela sublimidade incantadora das suas poesias lyricas, pouco estudadas aliás e pouco vulgarizadas, mas formosas sobremaneira, formosas e delicadas e altamente conceituosas, preciosas sobretudo para quem nellas quizesse explorar e interpretar vasto manancial de subsidios auto-biographicos.

Nunca mais me esqueceram aquellas sentenciosas reflexões do erudito Professor. E, sempre que vejo tomar alguem o incargo de concorrer para a divulgação da *Lyrica* de Camões, sinto-me jubilosamente dominado por uma corrente magnetica de instinctiva sympathia para com o benemerito que dirige seus passos nesse delicioso campo, em que o maior poeta de Portugal fez vibrar as fibras sentimentaes do seu coração.

Trasladando para versos francezes, e castelhanos tambem, algumas das mais mimosas lyricas em que se desintranhou a lyra camoniana, o Professor José Bénoliel — hoje cidadão portuguez — acaba de prestar ás lettras do seu paiz adoptivo um serviço relevantissimo, e tanto mais relevante quanto é certo que rarissimas vezes tem o verso francez logrado reproduzir alguma d'aquellas suaves composições.

Nos tempos que ora decorrem, — tempos em que o sentimento do lyrismo parece de quando em quando adormecido, como se o dominasse (não sei por que malefica influencia!) a perversão do bom-senso e do bom-gôsto, — cresce de ponto a opportunidade para os lavores a que o supra-citado traductor intendeu dever consagrar algumas horas de sua existencia.

Ha portanto no trabalho, a que vão servir de humilde prologo estas breves palavras minhas, uma intenção de alcance duplo, — pois que apar do lado litterario afigura-se-me intrar em linha-de-conta o lado moral.

Sob este segundo aspecto considero eu que a publicação do presente livro incerra um solemne protesto contra o depravado gôsto, que por ahi se propõe tornar-se moda, uma vez que os modernos «francelhos», os parvos descendentes d'aquelles impertigados «tarelos» (contra quem, ha um seculo, se desincadeou chistosa e folgazan a musa de Filinto Elysio), conceberam a estulta audacia de arvorar em nome da sua inqualificavel presumpção ou da sua inaptidão deploravel o indecoroso pendão de uma seita immunda que a ignorancia ridicula dos ceraferarios pomposamente infeitou com o pretencioso epitheto de «Idéa-Nova», — sordidos cantores do esterquilinio e da podridão, que invergonham a veneranda memoria de Gutenberg perante a asquerosidade reles das banalidades futeis com que imporcalham prelos, e a quem não peja o sacrilegio de invocarem o nome grandioso de Victor Hugo, como se pudessem gralhas presumidas imitar a sublimidade augusta da aguia nos seus vôos, ou licito fôsse ao petulante onagro ornear impunemente, só porque se imbrulhou á socapa na pelle do leão!

Lembra-me por vezes, aproposito d'esta gentinha, o *genus irritabile vatum* com que Horacio em uma das suas Epistolas proclamava «eminentemente irascivel a raça dos poetas».

Que diria elle, o satirico venusino, se acordasse hoje do tumulo e, obedecendo á velleidade caprichosa de vir até aqui a este cantinho da «occidental praia lusitana», os visse por ahi barafustando (os taes da «Idéa-Nova») de olhos arregalados e furiosos, satanicos e possessos, desvergonhados e torpes, celebrando as «delicias» da embriaguez (como fazia platonicamente Horacio nos seus versos) mas substituindo o «falerno»

pelo «carrascão» (para não desmentirem a sua nobre missão de «innovadores»), e chafurdando nas pocilgas, e rindo-se das brisas, e ridiculizando o aroma das violetas... para sorverem com refinada voluptuosidade o sulphydrico dos lameiros?

Que diria elle, o inimitavel Horacio, quando os visse furibundos a praguejarem contra o que é doce e mimoso, contra o que é suave e consolador, contra emfim tudo quanto significa lyrismo e sentimento?

Nem se contentam de lá terem para uso proprio o seu chiqueiro! Querem por força que a gente limpa se vá tambem alli espojar com elles; indignam-se e berram despeitados, porque lhes segreda a consciencia que não sobem alto os seus destemperados orneios.

Devéras nunca se viu situação que mais reclamasse, e com mais justiça de applicação, a phrase horaciana tantas vezes citada!

E para isto se esteve a Humanidade extasiando seculos e seculos perante a cornucopia de flores e perfumes, com que lhe imbellezaram o vergel da Poesia seus mais esmerados cultores: — para vir esta sementeira de cogumelos venenosos alastrar-se pedantesca e damninha no sagrado campo da Arte immaculavel!

Esteve Anacreonte, o poeta dos amores, até soltar o derradeiro alento, e já coroado de cans, esteve elle impunhando sempre com juvenil enthusiasmo a taça da inspiração e cantando ingrinaldado de rosas os thesouros da belleza feminil, — esteve elle, o poeta da juventude immarcescivel, symbolizando o que ha de mais risonho e viçoso, de mais gracioso e adoravel, — para vir este leproso pandemonio de Baudelaires em caricatura, com os seus preceitos tolos, os seus desconchavos estupendos, invadir em Portugal os dominios limpidos da poesia e mui de proposito infectál-a com os miasmas contagiosos de suas nauseabundas e nojentas emanações!

Não creio, porêm, não quero crer que meia-duzia de cynicos versejadores logrem nunca enxovalhar o estan-

darte sacrosanto, que durante seculos e seculos — desde que existe poesia escripta ou cantada — ha sido o constante guia de quantas sublimes epopêas, de quantos ternos idyllios tem produzido a litteratura de todos os tempos e de todos os povos.

Não creio, repito, porque — assim como as Bellas-Artes não vão pedir á Teratologia os seus modelos — a Poesia não pode servir (como os taes «innovadores» practicamente inculcam) para injoar-nos a paciencia com o eterno thema das suppurações e das gangrenas, das putrilagens e das immundicies.

E, se me argumentam com a idéa de que — sendo essencialmente reformador este fim-de-seculo — deve a Poesia mirar a um thema social practicamente util, accrescentarei que, já antes de ciganos litterarios apparecerem na feira com a sua «Idéa-Nova», já muitissimo antes d'isso havia entre nós quem celebrasse em versos dulcissimos as nobres aspirações da geração moderna, quando Castilho (sem abandonar o suave lyrismo que transpira em todas as suas composições) soltava num rapto de inspirado enthusiasmo as estrophes verdadeiramente musicaes do seu *Hymno do Trabalho:*

> Mar e Terra, Ar e Céo, tudo lida;
> Deus a todos poz luz e deu mãos;
> Lei suprema o trabalho é na vida;
> Trabalhar! trabalhar, meus irmãos!
>
> Trabalhar, meus irmãos, que o trabalho
> É riqueza, é virtude, é vigor;
> D'entre a orchestra da serra e do malho
> Brotam vida, cidades, amor!

ou ainda no *Hymno dos Lavradores*

> De espigas e palmas c'roêmos a enxada,
> Morgado, e não pena, dos filhos de Adão;
> Mais velha que os sceptros, mais util que a espada,
> Thesouro é só ella, só ella brazão.

Isto, sim.

Isto percebo eu, e percebem todos.

D'isto gósto eu, e gostam todos.

Mas... grasnar em versos (?) prosaicos e mal rimados os preços-correntes da copahiba e da banha-de-porco, ou discutir a differença entre as vaquetas do Maranhão e as de Pernambuco, será tudo quanto quizerem, tudo menos poesia!

A serio, e muito a serio: — Bentham e J. B. Say, Buchner e Proudhon, Herberto Spencer e Hæckel, o positivismo de Comte ou as investigações anatomo-pathologicas de Virchow, as theorias de Lombroso, os devaneios de Carlos Marx, tudo isso imbrulhado e misturado, amalgamado, e derretido em verso... confessêmos que só na chilra mioleira de chapados animalejos poderia similhante idéa aninhar-se.

Mas... se ainda ao menos consistisse apenas na somma de dislates, que deixo apontada, o procedimento dos taes inauguradores da «Idéa-Nova», dava-se-lhes um passe por inoffensivos.

Custasse imbora um pouco aturar-lhes a semsaboria... toleravam-se por um excesso de indulgencia!

O peor, entretanto, é quando se ingasgam com o «verbo sublime de Cambronne» e o querem forçosamente cuspir, no auge da sua effervescencia, para cima de quem passa honesto e limpo.

E no fim de contas... precisêmos bem a questão: isso tudo quanto por ahi vemos dos taes da «Idéa-Nova», isso tudo expremido e condensado não se qualifica senão por aquelle significativo nome que o Dante se arrojou a escrever no verso 27.º do Canto XXVIII do *Inferno*.

O proprio Decano da Academia das Sciencias em Lagado, que o maganão do conego Swift houve por bem phantasiar na Terceira Parte das *Viagens de Gulliver*, esse mesmo, estou bem certo que recuaria atordoado perante a realização da sua estupenda impresa,

quando por materia prima lhe fornecessem as cerebrinas producções de similhantes poetastros.

—«Perfeita phase de carraspana litteraria!» me dizia, ha tempos, um illustre poeta, amigo meu, falando-me das deploraveis tendencias que desgraçadamente se denunciam nalguns dos escriptores portuguezes da moderna geração.

Naquella frizante apostrophe está expressivamente definida a situação, —como tambem a pseudo-eschola do «realismo» (essa monstruosidade obscena, a que indevidamente querem dar o pomposo nome de «eschola») foi caracterizada, não me lembra agora por que espirituoso crítico em França, que lhe chamou— «a eschola alcoolica».

E quando de involta com essa turba-multa de parvos ou de transviados vejo um talento qualquer excepcional, muito apreciavel ás vezes, que por uma inexplicavel aberração de espirito abdica o bom-gôsto com que nasceu, e não se invergonha de fazer côro com esse bando sujo de futeis nullidades, prostituindo nos absurdos principios de uma seita ignobil recursos brilhantes com que a natureza o haja dotado, reduplica-se-me n'alma um sentimento de indefinivel magua, como se aos meus olhos surgíra um sacerdote convertido em vendilhão do templo, —porque (sejamos explicitos e francos) tal procedimento equivale nem mais, nem menos, do que a abafar a voz da consciencia e do pudor, sacrificando nas aras de um ephemero triumpho ou de um interesse villão, decretado e sustentado por meia-duzia de idiotas ou por uma duzia de devassos, e provocando assim a justa indignação com que a posteridade terá de lhes fatalmente condemnar a memoria.

Dir-se hia que na cegueira da sua obstinação esses desvairados sentem já o dobre funebre dos sinos que lhes annunciam o amortalhamento da patria, —e que, neste cynico tripudio, se não pejam de folgar com o esphacelamento das mais santas tradições, prevendo

que em tal vergonhosa debandada podem acaso afundar-se um povo, uma sociedade, uma civilização, e com isso tudo o conjuncto das suas memorias mais caras e mais respeitaveis! Dir-se-hia que nesse infame *sauve qui peut,* onde já nem consciencia lhes assiste do aviltamento e da degradação em que se precipitam involvidos pelo vertiginoso torvelinho da abjecção, vaidosos se ufanam de confessar e proclamar sua cumplicidade criminosa em tão feias torpezas, erguendo num derradeiro impulso de crapula a taça da bebedice: — *Bibamus hodie, cras enim moriemur!*

Mas desinganem-se: possam muito imbora jactanciosos, num dado periodo transitorio, em que predomine o gôsto estragado ou a má educação do publico, receber os applausos da turba inconsciente ou corrompida, — o effeito obtido pela exploração do escandalo não deverá certamente ser duradouro. A posteridade ficará por longo tempo extatica perante o genio assombroso de Miguel-Angelo ou de Raphael, quando nem já talvez de Courbet reste siquer o nome.

A Arte é a expressão da Verdade no que esta offerece de mais idealmente typico.

Supponho que não ha pintor, d'esses que aspiram com justiça ao nome de verdadeiros artistas, que se divirta em reproduzir na téla ou em cinzelar no marmore aberrações ou deformidades.

De Zeuxis se conta que de tal arte pintava e com tal primor cachos de uvas, que vinham as aves bicar no quadro illudidas, como se fôra fructa viçosa e natural.

Que diriamos de um grande Mestre, cujo pincel se comprouvesse em reproduzir (imbora com a fidelidade inexcedivel de Zeuxis) asquerosidades, que — apezar de inherentes ás condições miseraveis da animalidade — as exigencias da hygiene e o decoro da civilização não permittem nunca expôr aos olhos de quem passa?

A Arte é a fiel reproducção da Natureza no verdadeiro mas no bello. Fóra d'ahi, em vez d'Arte alcançariamos coisa mui diversa: teriamos a aberração da Arte.

A Arte não pode escolher para modelos os abortos ou os aleijões, que os não escolhe tambem para si a propria Anatomia ou a Physiologia com toda a austeridade do seu rigor scientifico. A propria designação de «Bellas-Artes», que ainda ninguem ousou proscrever dos lexicons, está confirmando isto que digo.

Porque é, pois, que no campo especial da Poesia ha de julgar-se auctorizada a derogação de similhante principio?

Especular com o escandalo á sombra da Arte é cuspir na hostia santa do altar, é converter os vasos sagrados do templo na taça corrupta das abominações.

Pegar na fórma poetica falsificada, e — em nome de um *soi-disant* «realismo» — fazer da litteratura a hedionda valla das podridões (das «verdes podridões», como elles proprios constantemente lhes chamam na sua versalhada insulsa, inepta, e sempre *ipsis verbis* repetida!), equivale á gaiatice de ir com carvão rabiscar em parede limpa lettreiros indecorosos.

E o que digo d'esse intitulado «realismo» (como se «realismo» fôsse uma invenção moderna, e em todos os tempos não houvera existido o «realismo» decente, o «realismo» admissivel) sub-intenda-se applicado tambem aos conciliabulos do «naturalismo», do «impressionismo», do «pornographismo», do «nephelebatismo», e de *tutti quanti*.

Ai da Humanidade se na corrente infecta de tão repugnante lodaçal fôsse arrastada a opinião pública, porque tal prova de pervertido gôsto implicaria tambem uma perversão na moral e no sentimento!

Pois digam-me: — não dóe devéras observarmos um adolescente, que mal ainda se estreia na carreira das lettras, e já se atreve a protestar contra as leis do bom-

senso e do bom-gôsto (como se, em tenros annos inferrujada, já de scepticismo adoecesse aquella alma que toda sentimento e crenças deveria ser!)? não dóe vêl-o, pretenciosamente aspirante a pensador profundo, chafurdar no lodo obsceno do «realismo»?

Quid inde? Que ha a esperar d'alli?

Que futuro chefe para uma familia e que auspicioso educador nos não promette esse embryonario iconoclasta?

E intitulam-se elles (os chefes da seita) apostolos do porvir! moralizadores da sociedade (que dizem corrupta e podre)! regeneradores da litteratura (que dizem marasmada e anemica)!

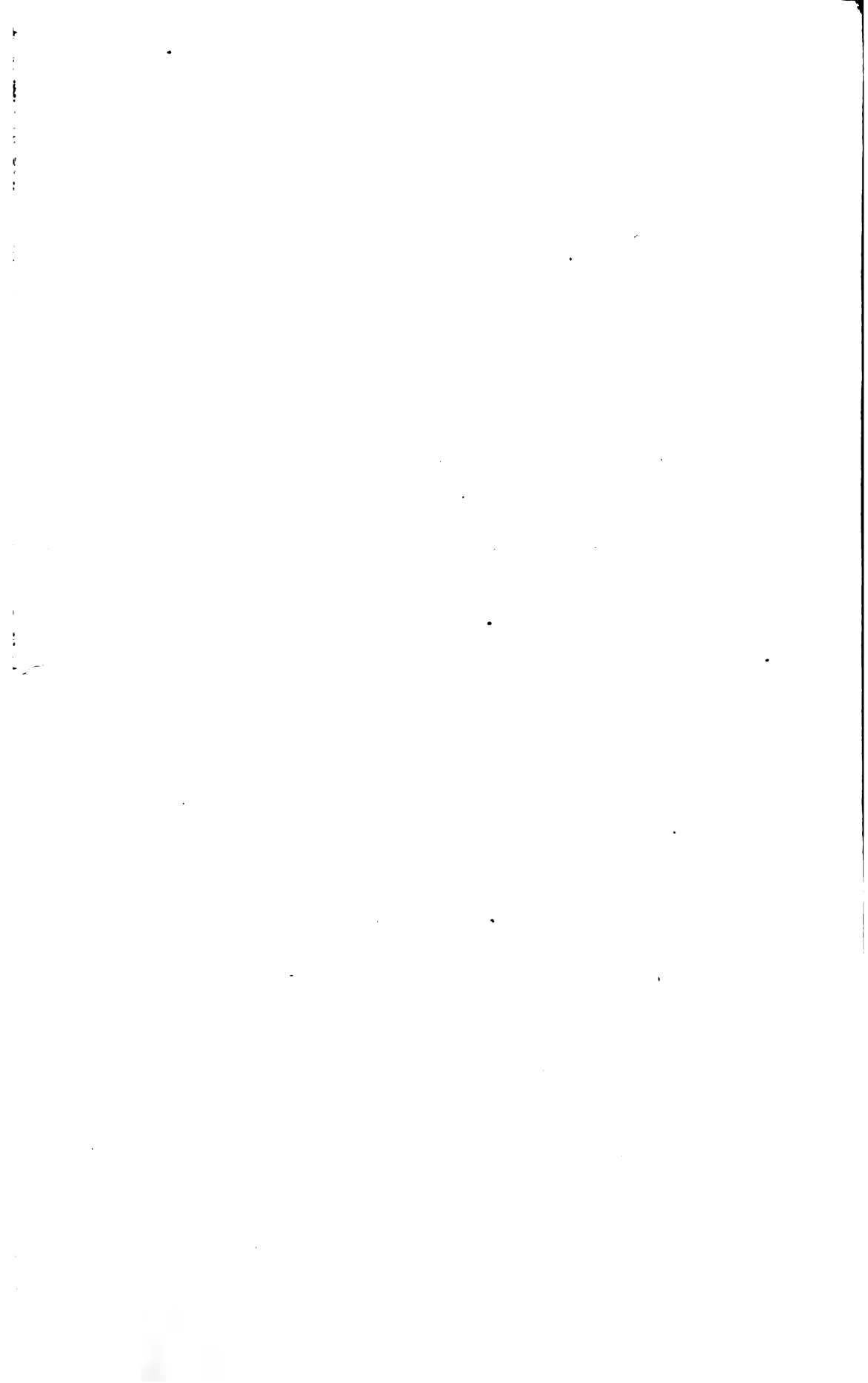
Ao ler-lhes as torpezas em que se desintranha a sua actividade «litteraria» (?) brotam impetos de suspeitar que taes individuos nunca tiveram mãe nem irmans, nem conhecem mulher a quem um dia ambicionem chamar esposa, nem lhes surri a idéa consoladora de se verem alguma vez acariciados pelo meigo chilrear de umas creaturinhas loiras, a quem tratem pelo doce nome de filhas.

Afastêmos, porêm, d'esse ruim tremedal os nossos olhos, e permaneçâmos todos convictos na eschola da moralidade, na eschola do dever, na eschola da elegancia e da maviosidade, na eschola do sentimento e da inspiração, — nessa eschola, cujo renascimento litterario sob a fórma romantica teve entre nós por chefes em pleno seculo XIX Garrett, Herculano, e Castilho, — nessa eschola emfim que, proclamando por inviolaveis principios de sua religião poetica tudo quanto ha de bello e de bom, tudo quanto ha de justo e de sacrosanto, tudo quanto ha de meigo e de fagueiro, de risonho e mimoso, de perfumado e suave, de harmonioso e consolador, de terno e amoravel, de scintillante e luminoso, de irisado e crystallino, de ineffavel e celestial, ha conseguido atravessar incolume com suas crenças desde Valmiki e Homero até Ossian e Camões,

desde as *Odes* de Anacreonte até ás *Folhas cahidas,* desde Kalidasa até Shakespeare e Gœthe, desde Bhartrihari até Espronceda e Alvares de Azevedo, desde Sapho até Byron, desde Tibullo até Thomaz Moore, desde Petrarca e Bernardim Ribeiro até Gonzaga e Lamartine, desde o *Mahabharatta* até á *Divina Comedia,* desde os psalmos biblicos até aos canticos da liturgia catholica, desde as sagas do *Edda* até ás xacaras dos *Romanceiros,* desde os hymnos do *Rig-Veda* até ás *Canções das ruas e dos bosques,* —crenças que hão de já-'gora ficar perpetuadas como a expressão mais nobre e mais symbolica do *quid divinum* que o Creador insufflou no espirito do homem, — crenças que fôra absurdo suppôr falliveis ou maculaveis, só porque meia-duzia de dyscolos num accesso de estupida temulencia folgaram de apanhar lama com as mãos para lhes atirar!

Pois bem! d'essa religião eterna é Luiz de Camões o mais expressivo representante no opulento jardim da poesia portugueza. Contribuir para que se divulguem mais e mais as melodias paradisiacas d'aquella suavissima lyra, é accender por sobre a cabeça do Poeta no pantheon da immortalidade uma rutilante auréola de estrellas inextinguiveis, — e é simultaneamente collaborar na glorificação da Patria, simultaneamente commungar na apotheose da Alma Humana.

Xavier da Cunha.

SONETOS

Á Ill.^ma^ e Ex.^ma^ Senhora

D. Perpetua Augusta de Mello de Carvalho Monteiro

Um repouso gravissimo e modesto;
Uma pura bondade, manifesto
Indicio da alma, limpo e gracioso.

CAMÕES.

J. B.

AO LEITOR

Emquanto quiz Fortuna que tivesse
Esperança de algum contentamento,
O gosto de um suave pensamento
Me fez que seus effeitos escrevesse.

Porêm, temendo Amor que aviso désse
Minha escriptura a algum juizo isento,
Escureceu-me o engenho co'o tormento,
Para que seus enganos não dissesse.

Ó vós, que Amor obriga a ser sujeitos
A diversas vontades! quando lerdes
Num breve livro casos tão diversos,

(Verdades puras são, e não defeitos)
Entendei que, segundo o amor tiverdes,
Tereis o entendimento de meus versos.

AU LECTEUR

Tant que le sort propice a permis à mon cœur
D'un saint contentement la flatteuse espérance,
Cédant aux doux effets de ce charme vainqueur,
J'en fis de mes écrits et l'objet et l'essence.

Mais, craignant que mes vers ne défissent l'erreur
Où gisent tant d'esprits exempts de défiance,
Amour de mon génie étouffa la splendeur,
Et me fit de ses traits éprouver l'influence.

O vous, qu'Amour oblige à gémir dans les fers
Où vous tient la rigueur d'une beauté cruelle:
Sachez, quand vous lirez les tristes cas divers

Qu'en pures vérités ce livre vous révèle,
Que tel sera l'amour que votre âme recèle,
Et telle aussi, pour vous, l'entente de mes vers.

DESESPERANÇA

Todo animal da calma repousava,
Só Liso o ardor d'ella não sentia;
Que o repouso do fogo, em que elle ardia,
Consistia na Nympha que buscava.

Os montes parecia que abalava
O triste som das maguas que dizia;
Mas nada o duro peito commovia,
Que na vontade de outro posto estava.

Cansado já de andar por a espessura,
No tronco de uma faia, por lembrança,
Escreve estas palavras de tristeza:

Nunca ponha ninguem sua esperança
Em peito feminil, que de natura
Sómente em ser mudavel tem firmeza.

DÉSESPÉRANCE

Des ardeurs de midi tout être reposait;
Seul le triste Lisus n'en sentait point la flamme;
Car le repos des feux qui consumaient son âme
Consistait à revoir la Nymphe qu'il cherchait.

Les monts semblaient émus et l'écho répondait
A ses cris douloureux de regrets et de blâme;
Mais rien ne touche un cœur qu'un autre amour enflamme,
Et déjà sa bergère aimait un autre objet.

Lassé de dire en vain à la forêt épaisse
Les regrets d'un passé qu'il ne doit plus revoir,
Sur un hêtre il grava ces mots pleins de tristesse:

«Que jamais nul ne fonde ici-bas son espoir
Sur un cœur féminin dont la règle âpre et dure
Est d'être fermement volage par nature.»

SAUDADES

Doces lembranças da passada gloria,
Que me tirou Fortuna roubadora,
Deixae-me descansar em paz um'hora,
Que commigo ganhais pouca victoria.

Impressa tenho n'alma larga historia
D'este passado bem, que nunca fôra;
Ou fôra, e não passára; mas já agora
Em mim não pode haver mais que a memoria.

Vivo em lembranças, morro de esquecido
De quem sempre devêra ser lembrado,
Se lhe lembrára estado tão contente.

Oh! quem tornar pudéra a ser nascido!
Soubera-me lograr do bem passado,
Se conhecer soubera o mal presente.

REGRETS

Aimables souvenirs de mon antique gloire
Dont le sort m'a si tôt sevré cruellement,
Laissez-moi reposer en paix un seul moment:
Vous ne gagnez sur moi qu'une triste victoire.

Empreinte dans mon âme est une longue histoire
De ce bonheur passé, de ce temps si charmant
Qui devrait ne point naître, ou vivre infiniment,
Et dont ne reste plus pour moi que la mémoire.

Je vis des souvenirs dont mon cœur est rempli,
La mort pourtant dans l'âme, à voir l'injuste oubli
Qu'un être impitoyable envers moi fait paraître.

Ah! que ne puis-je, oh Ciel! que ne puis-je renaître!..
J'eusse mieux su jouir d'un passé si plaisant
Si j'eusse pu savoir mes malheurs d'à présent.

NA MORTE DE NATHERCIA

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo d'esta vida descontente,
Repousa lá no Céo eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento ethereo, aonde subiste,
Memoria d'esta vida se consente,
Não te esqueças d'aquelle amor ardente,
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E, se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da magua, sem remedio, de perder-te,

Roga a Deus que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

POR LA MUERTE DE NATHERCIA

Alma del alma mía, que, inocente,
Tan joven de esta insulsa vida huiste,
Reposa allá en el cielo eternamente,
Y viva yo aquí siempre, siempre triste.

Si memoria de vivos se consiente
Allá en el reino etéreo á dó subiste,
No te olvides del hondo amor ardiente
Que en mis ojos tan puro y tierno viste.

Y si algo en fin pudiere merecerte
El hórrido pesar que me quedó
Del ansia sin remedio de perderte,

Ruega á Dios, pues tus años acortó,
Que tan presto de aquí me lleve á verte
Cuan presto de mi vista te llevó.

POR LA MUERTE DE NATHERCIA

(OTRA VERSIÓN)

Alma y prenda gentil del alma mía,
De quién la vida fué tan ilusoria,
Reposa allá en la eterna y excelsa gloria,
Y nunca yo en la tierra halle alegría.

Si en la alta luz de la celeste Vía,
Es lícito del mundo hacer memoria,
No olvides de mi amor la triste historia,
De aquel amor tan puro en que yo ardía.

Y si ves que algo puede merecerte
La insufrible pasión, que me quedó
Del golpe sin remedio de perderte,

Ruega á Dios, que tus años acortó,
Que tan presto me lleve al cielo á verte,
Cuan presto allá con mi alma te llevó.

SUR LA MORT DE NATHERCIA

Ame candide et pure, hélas! qui, de la terre,
Si belle et jeune encore, as quitté les soucis,
Repose pour toujours au sein du paradis,
Et qu'à jamais je vive en deuil et solitaire.

Si dans les cieux profonds, où tu montas naguère,
Un tendre souvenir de ce monde est permis,
Souviens-toi, souviens-toi de l'amour que tu vis
Reluire dans mes yeux, si pur et si sincère.

Et si tu crois devoir quelque faible retour
Aux angoisses sans fin, sans remède, où me laisse
Le coup que ton trépas inflige à mon amour:

Implore ce grand Dieu, qui brisa ta jeunesse,
De me prendre d'ici, pour te voir dans les cieux,
Aussi tôt qu'il t'a prise et ravie à mes yeux.

SUR LA MORT DE NATHERCIA

(AUTRE VERSION)

Idole de mon âme, — au printemps de tes jours,
Si belle et jeune, hélas! à ce monde ravie, —
Ah! puisses-tu jouir aux célestes séjours
D'un bonheur à jamais disparu de ma vie!

S'il t'est donné d'entendre au ciel nos vains discours,
De songer à nos maux si rien ne t'y dévie,
Souviens-toi, souviens-toi de mes tristes amours,
De cette ardeur si pure, immense, inassouvie!

Et si de quelque prix tu crois digne à tes yeux
La cruelle douleur qui m'était réservée
Par ce coup sans remède, au jour de tes adieux:

Demande au Dieu clément, qui t'en a préservée,
Qu'il m'enlève d'ici pour te voir dans les cieux,
Comme il t'a loin de moi brusquement enlevée.

SUR LA MORT DE NATHERCIA

(AUTRE VERSION)

Doux ange de lumière, éteint à l'improviste,
Et de ce monde, hélas! en ta fleur emporté,
Repose dans les cieux et pour l'éternité,
Et qu'ici-bas je vive à jamais sombre et triste.

Si quelque souvenir de la terre subsiste
Au séjour bienheureux où ton être est monté,
Souviens-toi de l'amour ardent, illimité,
Qui brillait dans mes yeux et dont mon âme existe.

Et si tu daignes voir avec quelque pitié
Ce chagrin dévorant, cette affreuse détresse,
Ce désespoir sans fin où ta perte me laisse:

Demande au Dieu vers qui tu t'es réfugié,
Qu'il me prenne soudain pour te revoir encore,
Comme il t'a pris, doux ange, à mon cœur qui t'adore.

SEPARAÇÃO

Aquella triste e leda madrugada,
Cheia toda de magua e de piedade,
Emquanto houver no mundo saudade,
Quero que seja sempre celebrada.

Ella só, quando amena e marchetada
Saía, dando á terra claridade,
Viu apartar-se de uma outra vontade,
Que nunca poderá ver-se apartada.

Ella só viu as lagrimas em fio,
Que de uns e de outros olhos derivadas,
Juntando-se, formaram largo rio.

Ella ouviu as palavras maguadas,
Que poderão tornar o fogo frio,
E dar descanso ás almas condemnadas.

SÉPARATION

Cette aurore si triste et si douce à la fois,
Si pleine de tendresse et de regrets si pleine,
Tant qu'un doux souvenir animera ma veine,
Je veux que le sien soit célébré par ma voix.

Elle seule, quand l'herbe et les fleurs et les bois
S'éveillaient sous les flots de sa clarté sereine,
Vit d'un cœur s'éloigner un autre sur la plaine,
Qui ne peut supporter de l'absence le poids.

Elle seule put voir les larmes abondantes
Qu'à flots précipités leur arrachait des yeux
L'instant doux et cruel de leurs tendres adieux.

Elle seule entendit ces phrases déchirantes,
Dont l'ardeur eût fait honte aux flammes de l'éclair,
Dont le charme eût calmé les damnés dans l'enfer.

ESCRAVO DE AMOR

Sete annos de pastor Jacob servia
Labão, pae de Rachel, serrana bella;
Mas não servia ao pae, servia a ella,
Que a ella só por premio pretendia.

Os dias na esperança d'um só dia
Passava, contentando-se com vê-la;
Porêm, o pae, usando de cautela,
Em logar de Rachel lhe deu a Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
Assi lhe era negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida,

Começou a servir outros sete annos,
Dizendo: Mais servíra, se não fôra
Para tão longo amor tão curta a vida.

L'ESCLAVE D'AMOUR

Depuis sept ans Jacob, comme pâtre, servait
Le père de Rachel, la belle enfant qu'il aime;
Mais, en servant le père, il ne sert qu'elle-même,
Car elle est le seul prix auquel il aspirait.

Heureux d'être auprès d'elle, il passait, satisfait,
Tous ses jours dans l'espoir d'un jour de bien suprême;
Mais le père cruel, usant de stratagème,
Lui change pour Lia, Rachel qu'il lui devait.

Et le pauvre berger, déçu dans sa chimère,
A voir qu'on lui refuse encore sa bergère,
Comme s'il n'eût pâti pour elle assez longtemps,

Se mettant à servir Laban encor sept ans,
Disait: Je servirais bien plus, si l'existence,
Trop courte pour ma flamme, était comme elle immense.

MORTE DO PASSARINHO

Está o lascivo e doce passarinho
Com o biquinho as pennas ordenando,—
O verso sem medida, alegre e brando,
Despedindo no rustico raminho.

O cruel caçador, que do caminho
Se vem calado e manso desviando,
Com prompta vista a setta endireitando,
Lhe dá no Estygio Lago eterno ninho.

D'esta arte o coração que livre andava,
(Posto que já de longe destinado)
Onde menos temia, foi ferido,

Porque o frecheiro cego me esperava,
Para que me tomasse descuidado,
Em vossos claros olhos escondido.

MORT DE L'OISEAU

Sautillant et lascif, le doux petit oiseau,
De son bec arrangeant ses plumes élégantes,
Répandait à flots purs les notes éclatantes
De son vers sans mesure au haut d'un arbrisseau.

Mais le chasseur cruel, attiré par l'écho,
Se faufilant sans bruit parmi les sombres plantes,
D'un trait sûr interrompt ses chansons innocentes,
Et lui fait dans le Styx un éternel berceau.

Ainsi, mon cœur, jadis si libre et si paisible,
Bien que prédestiné de tous temps au tourment,
Se vit d'un trait mortel percé subitement.

C'est que l'aveugle archer, me guettant, invisible,
Du fond de vos beaux yeux, armé de vos regards,
Me prit, au dépourvu, pour le but de ses dards.

LEMBRANÇAS

Quando o sol encoberto vai mostrando
Ao mundo a luz quieta e duvidosa,
Ao longo de uma praia deleitosa
Vou na minha inimiga imaginando.

Aqui a vi os cabellos concertando;
Alli co'a mão na face, tão formosa;
Aqui falando alegre, alli cuidosa,
Agora estando quêda, agora andando.

Aqui esteve sentada, alli me viu,
Erguendo aquelles olhos tão isentos;
Commovida aqui um pouco, alli segura.

Aqui se entristeceu, alli se riu:
E, emfim, nestes cansados pensamentos
Passo esta vida van, que sempre dura.

SOUVENIRS

Quand le soleil couvert sur le monde répand
Les paisibles rayons d'une clarté douteuse,
J'aime à songer, le long d'une plage houleuse,
A celle qui me hait et que j'aime encor tant.

Ici, ses beaux cheveux flottaient au gré du vent;
Là, son front se pencha sur sa main amoureuse;
Elle jasait ici gaîment; là, soucieuse;
Tantôt marchant, tantôt s'arrêtant brusquement.

Elle s'assit ici; là, son regard limpide
Se posa sur mes yeux de larmes obscurcis;
Parfois semblant émue et parfois intrépide,

Ici je la vis triste, et plus loin sans soucis.
Enfin, ma vie, ainsi, s'écoule, longue, amère,
De regret en regret, de chimère en chimère.

ENCANTOS

Um mover d'olhos, brando e piedoso,
Sem ver de quê; um riso brando e honesto,
Quasi forçado; um doce e humilde gesto,
De qualquer alegria duvidoso;

Um despejo quieto e vergonhoso;
Um repouso gravissimo e modesto;
Uma pura bondade, manifesto
Indicio da alma, limpo e gracioso;

Um encolhido ousar; uma brandura;
Um medo sem ter culpa; um ar sereno;
Um longo e obediente soffrimento:

Esta foi a celeste formosura
Da minha Circe, e o magico veneno
Que poude transformar meu pensamento.

CHARMES

Un regard langoureux, suave et caressant;
Un chaste et fin souris d'une douceur céleste,
Presque contraint; un humble, aimable et tendre geste,
Et qui n'ose espérer le bonheur qu'il pressent;

Un enjoûment folâtre aussi bien que décent;
Un maintien simple et grave, agréable et modeste;
Une bonté candide, indice manifeste
D'une âme pure et droite et d'un cœur innocent;

Un timide semblant de douce hardiesse;
Une frayeur sans cause; un air calme et serein;
Une soumission patiente et sans fin:

Tels sont de ma Circé, de ma belle déesse,
Les attraits souverains, le magique poison,
Qui surent transformer mon cœur et ma raison.

LEMBRANÇAS TRISTES

Alegres campos, verdes arvoredos,
Claras e frescas aguas de crystal,
Que em vós os debuxais ao natural,
Discorrendo da altura dos rochedos;

Silvestres montes, asperos penedos
Compostos de concerto desegual:
Sabei que, sem licença de meu mal,
Já não podeis fazer meus olhos ledos.

E, pois já me não vêdes como vistes,
Não me alegrem verduras deleitosas,
Nem aguas que correndo alegres vem.

Semearei em vós lembranças tristes,
Regar-vos-hei com lagrimas saudosas,
E nascerão saudades de meu bem.

TRISTES SOUVENIRS

O campagne riante, ô verts et doux bocages,
Claires et fraîches eaux dont les flots de cristal,
Roulant et bouillonnant des sommets jusqu'au val,
Reflètent dans leur sein ces agrestes rivages;

O rochers escarpés, monts altiers et sauvages,
Formés artistement d'un concert inégal:
Apprenez qu'il n'est plus de remède à mon mal,
Ni de charme à mes yeux dans vos chères images.

Et, puisque si changé me trouvent vos attraits,
Que rien ne charme plus mon âme désormais,
Ni ces prés, ni ces eaux qui ruissellent joyeuses.

Je veux semer en vous de tristes souvenirs,
Je vous arroserai de larmes soucieuses,
Et des soucis naîtront au gré de mes soupirs.

O CANTO DO CYSNE

O cysne, quando sente ser chegada
A hora que põe termo á sua vida,
Harmonia maior, com voz sentida,
Levanta por a praia inhabitada.

Deseja lograr vida prolongada,
E d'ella está chorando a despedida:
Com grande saudade da partida,
Celebra o triste fim d'esta jornada.

Assi, Senhora minha, quando eu via
O triste fim que davam meus amores,
Estando posto já no extremo fio,

Com mais suave accento de harmonia
Descantei por os vossos desfavores
La vuestra falsa fé, y el amor mio.

LE CHANT DU CYGNE

Quand le cygne argenté sent approcher l'instant,
L'instant fatal qui doit mettre un terme à sa vie,
Il dit d'un ton plus tendre une douce harmonie,
Aux bords inhabités où la tombe l'attend.

Il veut encor jouir de la vie, et, pourtant,
Il pleure de la voir déjà si tôt finie;
Mais, s'il pleure les jours que le sort lui dénie,
Il en célèbre au moins le déclin en chantant.

Ainsi, lorsque je vis, ô trop cruelle dame,
De mon amour brisé la misérable fin,
Sans que le moindre espoir fût permis à ma flamme;

Succombant sous le poids d'un horrible chagrin,
D'un hymne plus suave, où s'exhalait mon âme,
J'ai dit votre inconstance, et pleuré mon destin.

DESILLUSÕES

Oh! como se me alonga de anno em anno
A peregrinação cansada minha!
Como se encurta, e como ao fim caminha
Este meu breve e vão discurso humano!

Minguando a edade vai, crescendo o damno;
Perdeu-se-me um remedio, que inda tinha:
Se por experiencia se adivinha,
Qualquer grande esperança é grande engano.

Corro apoz este bem que não se alcança;
No meio do caminho me fallece,
Mil vezes cáio e perco a confiança.

Quando elle foge, eu tardo; e, na tardança,
Se os olhos ergo a ver se inda apparece,
Da vista se me perde, e da esperança.

DÉÇEPTIONS

Hélas! comme d'année en année il s'allonge,
Ce dur pèlerinage accablant de mes jours!
Comme il s'évanouit sur les ailes du songe
De mon pénible exil l'insupportable cours!

Ma vie est au déclin, non le mal qui la ronge;
Un bonheur me restait, il m'a fui pour toujours;
J'avais un grand espoir, tout n'était que mensonge,
Mensonge les serments, vanité les discours!

Je cours après un bien en toute diligence,
Au milieu de la route il disparaît soudain;
Je tombe mille fois, je perds la confiance;

Il vole, je faiblis, et, dans ma défaillance,
Si de le voir encor je forme le dessein,
Aussitôt il s'efface avec mon espérance.

MUDANÇAS

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, e muda-se a confiança:
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,
Differentes em tudo da esperança:
Do mal ficam as maguas na lembrança,
E do bem (se algum houve) as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,
Que já coberto foi de neve fria,
E em mi converte em chôro o doce canto.

E, afóra este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mór espanto,
Que não se muda já como soía.

TOUT CHANGE

Ainsi changent les temps, ainsi la volonté,
Ainsi change tout être, ainsi la confiance,
Tout du monde subit l'éternelle inconstance,
Et le monde, après tout, se change en vanité.

Sans cesse on est surpris de quelque nouveauté,
Si différente, hélas! en tout de l'espérance:
Du mal on garde au cœur l'empreinte et la souffrance,
Et du bien, s'il en fut, le déboire est resté.

Le temps couvre le sol d'un manteau de verdure
Que la neige déjà couvrit d'un blanc linceul,
Et change mes doux chants en un triste murmure.

Et, pendant que tout n'est ici-bas qu'imposture,
Il est un changement plus étrange, qui, seul,
Se maintient en dépit des lois de la nature.

DEMASIADO TARDE

Se as penas com que Amor tão mal me trata
Permittirem que eu tanto viva d'ellas,
Que veja escuro o lume das estrellas,
Em cuja vista o meu se accende e mata,—

E se o tempo, que tudo desbarata,
Seccar as frescas rosas, sem colhê-las,
Deixando a linda côr das tranças bellas
Mudada de ouro fino em fina prata,—

Tambem, Senhora, então vereis mudado
O pensamento e a aspereza vossa,
Quando não sirva já sua mudança.

Ver-vos-heis suspirar por o passado,
Em tempo quando executar-se possa
No vosso arrepender minha vingança.

TROP TARD

Si les traits, dont Amour m'accable incessamment,
Me permettent de vivre assez pour voir encore
S'obscurcir les rayons de l'astre de l'aurore,
Dont la flamme m'éclaire et brûle lentement;

Et si le temps, qui suit son œuvre aveuglément,
Flétrit, sans les cueillir, les roses que j'adore,
Et de sa rude main ternit et décolore
Les beaux cheveux d'or fin, changés en fin argent;

Alors, madame, aussi, vous verrez vos pensées
Changer en même temps que vos rigueurs passées,
Quand ces retours tardifs deviendront superflus;

Alors, vous pleurerez sur un temps qui n'est plus,
En un temps où déjà, par votre repentance,
S'exercera sur vous et par vous ma vengeance.

EM SONHOS

Quando de minhas maguas a comprida
Maginação os olhos me adormece,
Em sonhos aquella alma me apparece,
Que para mi foi sonho nesta vida.

Lá, numa soedade, onde extendida
A vista por o campo desfallece,
Corro apoz ella; e ella então parece
Que mais de mi se alonga, compellida.

Brado: Não me fujais, sombra benigna.
Ella (os olhos em mi co'um brando pejo,
Como quem diz que já não pode ser)

Torna a fugir-me;—torno a bradar: *Dina*...
E antes que diga *mene,* acordo, e vejo
Que nem um breve engano posso ter.

EN SONGE

Quand, ployant sous le faix du chagrin qui me ronge,
Ma pensée en mes yeux verse en vain des pavots,
Cette âme m'apparaît dans les erreurs du songe,
Qui fut le songe heureux de mes jours les plus beaux.

Là, dans un vague immense où ma vue erre et plonge,
Je m'élance après elle et par monts et par vaux;
Mais il me semble alors que le chemin s'allonge,
Et qu'elle est obligée à me fuir sans repos.

Je crie: Oh! ne fuis pas, arrête, ombre bénigne!
Mais elle, sur mes yeux ses yeux pleins de douceur,
Où je lisais du mot: Impossible! le signe,

Elle me fuit encor: *Dina*...! mais, oh malheur!
Je m'éveille et je vois, avant de dire *mène,*
Que pas même une erreur n'est permise à ma peine.

SOLIDÃO

Quem fôsse acompanhando juntamente
Por esses verdes campos a avezinha,
Que, depois de perder um bem que tinha,
Não sabe mais que cousa é ser contente!

E quem fôsse apartando-se da gente,
Ella —por companheira e por vizinha—
Me ajudasse a chorar a pena minha,
E eu a ella tambem a que ella sente!

Ditosa ave! que ao menos, se a natura
A seu primeiro bem não dá segundo,
Dá-lhe o ser triste a seu contentamento.

Mas triste quem de longe quiz ventura
Que para respirar lhe falte o vento,
E para tudo, emfim, lhe falte o mundo!

SOLITUDE

Ah! que ne puis-je suivre à travers le feuillage,
Dans les bois, dans les champs, l'oiseau mélodieux,
Qui, perdant le seul bien qu'il aimait sous les cieux,
Ne voit rien désormais qui le charme et soulage!

Ah! que ne puis-je vivre en son doux voisinage,
Et, fuyant des humains le commerce odieux,
Avec lui déplorer ses chagrins en tous lieux,
Et bercer avec lui les miens de son ramage!

Oh bienheureux oiseau! Si d'un être adoré
Te prive pour toujours l'inclémente nature,
Elle te laisse au moins être triste à ton gré.

Mais malheureux celui qu'une fortune obscure
Prive de jour pour voir, de larmes pour pleurer,
De monde pour y vivre et d'air pour respirer.

NAUFRAGIO

Como quando do mar tempestuoso
O marinheiro todo trabalhado,
De um naufragio cruel saíndo a nado,
Só de ouvir falar nelle está medroso,

Firme jura que o vê-lo bonançoso
Do seu lar o não tire socegado,
Mas, esquecido já do horror passado,
D'elle a fiar se torna cubiçoso, —

Assi, Senhora, eu que da tormenta
Da vossa vista fujo por salvar-me,
Jurando de não mais em outra ver-me,

Com a alma que de vós nunca se ausenta,
Me torno, com cubiça de ganhar-me,
Onde estive tão perto de perder-me.

NAUFRAGE

Comme lorsque, battu de l'onde furieuse,
Et presque à bout d'espoir, par un suprême effort,
Le marin naufragé, touchant enfin au port,
Au seul nom de la mer sent une peur affreuse;

Et, jurant — qu'il la voie ou paisible ou houleuse —
De ne plus renoncer pour elle à son confort,
Va pourtant de nouveau tenter l'instable sort,
Oublieux du passé, sur la mer orageuse:

De même aussi, madame, alors que de vos yeux,
Fuyant, pour mon salut, l'irrésistible orage,
Je jure de ne plus m'exposer au naufrage:

Entraîné par mon cœur qui vous suit en tous lieux,
Je retourne toujours où l'espoir me convie,
En quête du bonheur, au péril de ma vie.

AMOR

Amor é um fogo que arde sem se ver;
É ferida que doe e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer;

É um não querer mais que bem querer;
É solitario andar por entre a gente;
É um não contentar-se de contente;
É cuidar que se ganha em se perder;

É um estar-se preso por vontade;
É servir a quem vence o vencedor;
É um ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode o seu favor
Nos mortaes corações conformidade,
Sendo a si tão contrario o mesmo amor?

AMOUR

L'amour est comme un feu qui brûle et n'est point vu;
Blessure douloureuse et pourtant insensible,
C'est un contentement émouvant et pénible,
Un délire effréné qui n'est point entendu.

C'est ne prétendre à rien qu'à l'objet prétendu;
Dans la foule rester solitaire, impassible;
Sentir toujours sa soif croissante, inextinguible,
Et croire que l'on gagne alors qu'on a perdu.

C'est être de bon gré retenu dans les chaînes;
C'est servir le vaincu dont on est le vainqueur,
Et se montrer loyal pour qui nous prend le cœur.

Comment donc aurait-il dans les âmes humaines,
Par un commun accord, un facile retour,
Quand à lui-même il est si contraire, l'amour?

DE LONGE

Ondados fios de ouro reluzente,
Que agora da mão bella recolhidos,
Agora sobre as rosas esparzidos,
Fazeis que a sua graça se accrescente;

Olhos, que vos moveis tão docemente,
Em mil divinos raios encendidos;
Se de cá me levais alma e sentidos,
Que fôra, se eu de vós não fôra ausente?

Honesto riso, que entre a mór fineza
De perlas e coraes nasce e apparece,
Oh! quem seus doces echos já lhe ouvisse!

Se, imaginando só tanta belleza,
De si com nova gloria a alma se esquece,
Que será quando a vir? Ah! quem a visse!...

DE LOIN

Or pur, étincelant, cheveux ondés et fins,
Qui, tantôt retenus par deux mains enivrantes,
Tantôt flottant épars sur des roses charmantes,
Ajoutez à l'éclat de tant d'attraits divins;

Beaux yeux dont les regards si doux et si sereins
Dardent mille rayons de flammes éclatantes:
Si j'expire au seul nom de vos grâces touchantes,
Que serait-ce en voyant ces charmes que je peins?

Rire aimable et joyeux, qui, dans des flots splendides
De perles et corail, nais et t'épanouis,
Ah! quand pourrai-je ouïr tes doux échos limpides?

Si rien qu'au souvenir de celle en qui je vis
Tous mes sens sont troublés et mon âme éperdue,
Que sera-ce à la voir? Dieu! quand l'aurai-je vue!

COMO NASCE O AMOR

Conversação domestica affeiçôa,
Ora em fórma de limpa e san vontade,
Ora de uma amorosa piedade,
Sem olhar qualidade de pessoa.

Se despois, porventura, vos magôa
Com desamor e pouca lealdade,
Logo vos faz mentira da verdade
O brando amor, que tudo, emfim, perdôa.

Não são isto que falo conjecturas
Que o pensamento julga na apparencia,
Por fazer delicadas escripturas:

Mettida tenho a mão na consciencia,
E não falo senão verdades puras
Que me ensinou a viva experiencia.

COMME L'AMOUR S'INSINUE

Un aimable entretien séduit et passionne,
Soit sur le ton de pure et simple urbanité,
Soit d'amoureuse et tendre et franche intimité,
Sans se préoccuper du rang de la personne.

Si quelque mot, pourtant, vous blesse ou vous étonne,
Ou par trop de rudesse ou de déloyauté,
Aussitôt, déguisant la dure vérité,
Amour par un biais, explique, absout, pardonne.

Ce n'est pas un vain rêve... oh! je n'invente rien...
Et jamais mon esprit, jugeant sur l'apparence,
N'aurait, pour un sonnet, recours à ce moyen.

Non, non, je le déclare, en bonne conscience,
Ce sont des vérités que je connais très bien,
Et que m'apprit, hélas! la vive expérience.

CELESTE

Tornae essa brancura á alva assucena,
E essa purpurea côr ás puras rosas;
Tornae ao sol as chammas luminosas
D'essa vista que a roubos vos condemna.

Tornae á suavissima sirena
D'essa voz as cadencias deleitosas;
Tornae a graça ás Graças, que queixosas
Estão de a ter por vós menos serena.

Tornae á bella Venus a belleza;
A Minerva o saber, o engenho, e a arte;
E a pureza á castissima Diana.

Despojae-vos de toda essa grandeza
De dões; e ficareis em toda parte
Comvosco só, que é só ser inhumana.

CÉLESTE

Rendez cette blancheur au lis immaculé,
Et cette fine pourpre à la rose envieuse;
Rendez au beau soleil la flamme lumineuse
Qui révèle en vos yeux que vos yeux ont volé.

Rendez à la sirène et l'air bien modulé
Et les accords divins de votre voix joyeuse,
Et rendez ces trésors de grâce merveilleuse
Aux Grâces dont le charme en vous s'est rassemblé.

Redonnez à Vénus sa beauté diaphane,
A Minerve de l'art tous les ressorts secrets,
Et la pudeur sans tache à la chaste Diane.

Dépouillez-vous enfin de tant d'heureux attraits,
Et, quand vous n'aurez plus avec vous que vous-même,
Vous n'en serez pas moins l'être inhumain que j'aime.

A BEM-AMADA

De quantas graças tinha a natureza
Fez um bello e riquissimo thesouro;
E com rubis e rosas, neve e ouro,
Formou sublime e angelica belleza.

Poz na bocca os rubis, e na pureza
Do bello rosto as rosas, por quem mouro;
No cabello o valor do metal louro;
No peito a neve, em que a alma tenho accesa.

Mas nos olhos mostrou quanto podia,
E fez d'elles um sol onde se apúra
A luz mais clara que a do claro dia.

Emfim, Senhora, em vossa compostura,
Ella a apurar chegou quanto sabía
De ouro, rosas, rubis, neve e luz pura.

LA BIEN-AIMÉE

De tout ce qu'elle avait de grâces, la Nature,
Composant le plus riche et splendide trésor,
De roses, de rubis, de neige et de fin or
Forma la plus sublime et belle créature.

Elle attacha la rose à sa douce figure,
Le rubis à sa bouche où l'amour prend l'essor,
L'or à ses longs cheveux, et, non contente encor,
Elle mit dans son sein la neige la plus pure.

Mais pour les yeux surtout concentrant son pouvoir,
Elle en fit des soleils d'un éclat plus suave
Que celui de l'aurore ou de l'astre du soir.

Enfin, être adoré, dont mon âme est l'esclave,
Elle épuisa pour vous ce qu'elle avait de mieux:
Roses, or et rubis, neige et flammes des cieux.

ANIMO!

Nunca em amor damnou o atrevimento;
Favorece a Fortuna a ousadia,
Porque sempre a encolhida covardia
De pedra serve ao livre pensamento.

Quem se eleva ao sublime firmamento,
A estrella nelle encontra, que lhe é guia;
Que o bem que encerra em si a phantasia
São umas illusões que leva o vento.

Abrir se devem passos á ventura;
Sem si proprio ninguem será ditoso;
Os principios sómente a sorte os move.

Atrever-se é valor, e não loucura.
Perderá por covarde o venturoso
Que vos vê, se os temores não remove.

COURAGE !

Jamais en fait d'amour l'audace n'a pu nuire;
La fortune sourit à l'homme audacieux;
Mais l'embarras timide, en tous temps, en tous lieux,
Est un pesant fardeau pour l'âme qui soupire.

Quiconque hardiment s'élève jusqu'aux cieux
Y voit l'astre qui doit l'éclairer et conduire;
Mais le rêve où se plaît un esprit en délire
Sur les ailes du vent disparaît à ses yeux.

Nous devons du bonheur aplanir la carrière;
Nul ne compte être heureux s'il ne compte sur soi,
Car les principes seuls suivent du sort la loi.

Oser c'est être brave et non point téméraire;
Voilà pourquoi, madame, on doit vaincre sa peur,
Si l'on veut mériter de vous quelque faveur.

AUSENCIA

Do están los claros ojos que colgada
Mi alma tras de sí llevar solían?
Do están las dos mejillas que vencían
La rosa quando está más colorada?

Do está la roja boca y adornada
Con dientes que de nieve parecían?
Los cabellos que el oro escurecían
Do están, y aquella mano delicada?

O toda linda! do estarás ahora
Que no te puedo ver, y el gran deseo
De verte me dá muerte cada hora!

Mas no miráis mi grande devaneo,
Que tengo yo en mi alma á mi Señora,
Y diga: Donde estás que no te veo?!

L'ABSENCE

Où sont ces yeux si clairs qui traînaient après eux
Mon âme suspendue à leurs flammes vivantes?
Cette joue au teint pur, diaphane et soyeux,
Dont la rose envierait les couleurs éclatantes?

Cette bouche vermeille où le rire joyeux
Montre deux rangs d'ivoire ou de neiges fondantes,
Et ces boucles d'or fin qui ravissent les yeux,
Et ces mains de princesse, adorables, charmantes?

Où sont, ma toute belle, où sont ces doux trésors?
Ah! lorsque tu t'en vas, dans l'ardeur de ma flamme,
Je sens mille désirs me donner mille morts!

Mais quel prestige vain abuse ainsi mon âme?..
J'ai dans le fond du cœur l'objet de mes transports,
Et cependant je dis: Où donc es-tu, ma dame?

IMPRECAÇÕES

O dia em que nasci moura e pereça,
Não no queira jamais o Tempo dar,
Não torne mais ao mundo, e, se tornar,
Eclipse nesse passo o sol padeça!

A luz lhe falte, o céo se lhe escureça,
Mostre o mundo signaes de se acabar,
Nasçam-lhe monstros, sangue chova o ar,
A mãe ao proprio filho não conheça!

As pessoas pasmadas de ignorantes,
As lagrimas no rosto, a côr perdida,
Cuidem que o mundo já se destruiu!

Oh! gente temerosa não te espantes,
Que este dia deitou ao mundo a vida
Mais desgraçada que jámais se viu!

IMPRÉCATIONS

Périsse pour toujours le jour où je suis né;
Que jamais plus le Temps n'en évoque l'aurore;
Qu'il ne revienne plus, et, s'il revient encore,
Que le soleil s'éclipse ou recule étonné!

Que d'une ombre éternelle il soit environné;
Que la terre en émoi d'un sang noir se colore;
Qu'elle sente en son sein mille monstres éclore;
Que la mère renonce à son fils nouveau-né!

Que les hommes, plongés dans d'horribles alarmes,
Le visage livide et les yeux pleins de larmes,
S'imaginent déjà que le monde a vécu!

Allez, timides cœurs, ne vous effrayez guère...
Car ce jour a jeté, sur l'implacable terre,
Le plus grand malheureux que l'on ait jamais vu!

IMPRÉCATIONS

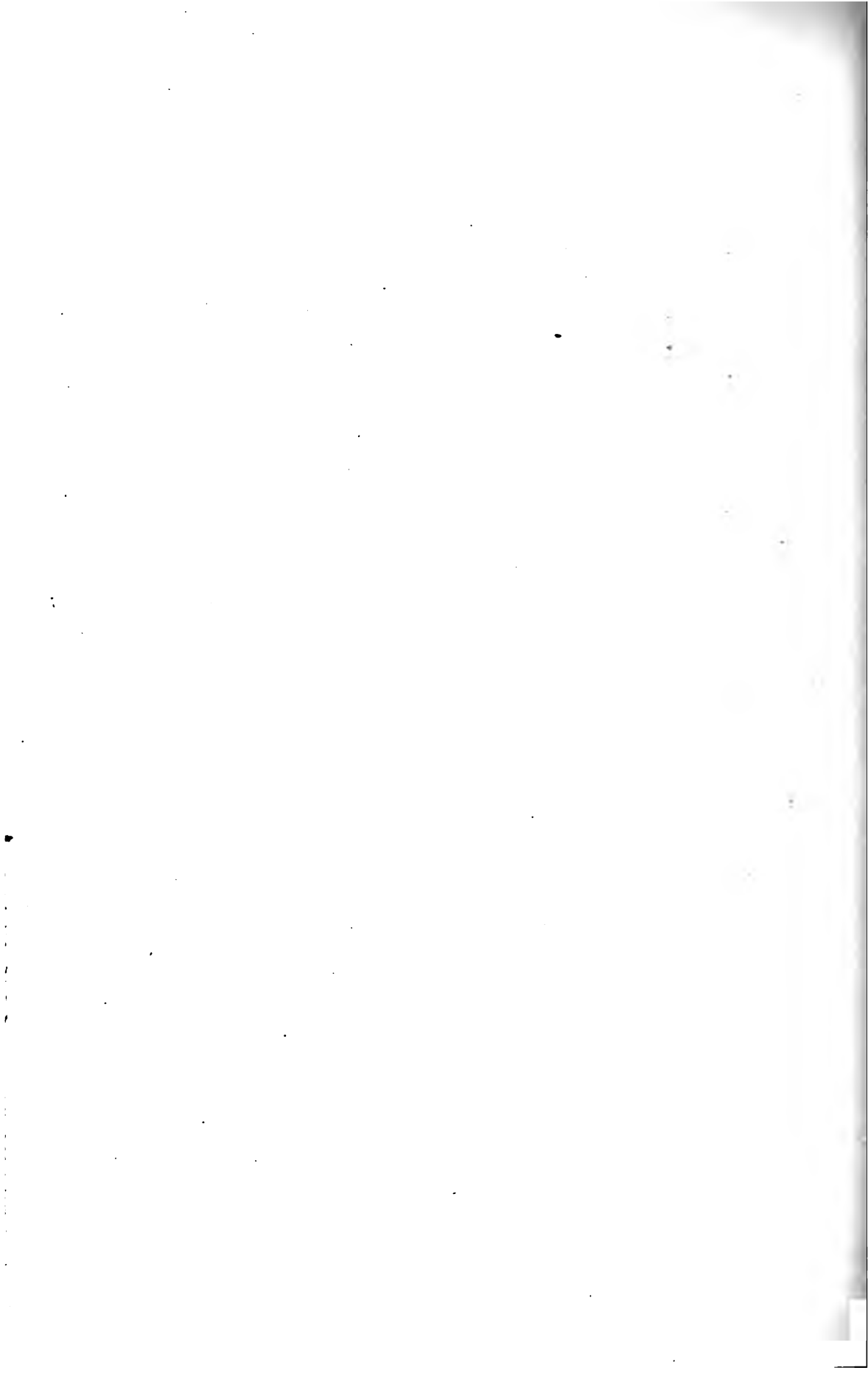
(AUTRE VERSION)

Que l'heure où je suis né périsse pour toujours;
Que le Temps de son sein l'arrache et l'abandonne;
Qu'elle ne sonne plus, et, s'il faut qu'elle sonne,
Qu'aussitôt le soleil s'éteigne dans son cours!

Que le ciel obscurci dépouille ses atours;
Dans des affres de mort que le monde frissonne;
Qu'en monstres effrayants la terre en sang foisonne,
Et la mère renonce au fruit de ses amours!

Que les hommes, en proie au désespoir suprême,
Les yeux baignés de pleurs et le visage blême,
N'attendent plus du ciel ni pitié ni salut!

Quoi! faibles cœurs, déjà le trouble vous égare. . .
Ah! ce jour a jeté sur la terre barbare
Le plus infortuné des êtres, s'il en fut!

CANÇÃO

Á Ill.^ma^ e Ex.^ma^ Senhora

D. Maria Augusta de Mello de Carvalho Monteiro

Prudente, honesta e docta a maravilha,
De tão ditoso pae ditosa filha.

CAMÕES.

J. B.

CANÇÃO

Junto d'um sêcco, duro, esteril monte,
Inutil e despido, calvo e informe,
Da natureza em tudo aborrecido,
Onde nem ave vôa, ou fera dorme,
Nem corre claro rio, ou ferve fonte,
Nem verde ramo faz doce ruido,—
Cujo nome, do vulgo introduzido,
É Feliz, por antiphrase infelice,—
        O qual a natureza
        Situou junto á parte,
Aonde um braço de alto mar reparte
A Abassia da Arabica aspereza,
Em que fundada já foi Berenice,
        Ficando á parte, donde
O sol, que nella ferve, se lhe esconde,—

ROMANCE

Près d'un mont escarpé, dur, hideux et stérile,
Sauvage autant qu'informe, âpre autant qu'inutile,
Maudit de la nature, et des hommes maudit;
Où nul oiseau ne vole, et nul être ne gît;
Où jamais d'un flot pur ne résonna la course,
Ni sous le vert rameau ne gémit nulle source;
Qui, par triste antiphrase et par dérision,
Masque du nom d'*Heureux* sa désolation,
Et que Nature a mis près des bords solitaires,
Où la mer, avançant un bras entre deux terres,
Sépare l'Abyssin de l'Arabe indompté;
Non loin des lieux où fut la fameuse cité
Que l'Histoire nomma du nom de Bérénice,
Et qui reçoit d'abord les feux du jour propice:

O cabo se descobre, com que a costa
Africana, que do Austro vem correndo,
Limite faz, Arómata chamado
(Arómata outro tempo; que, volvendo
A roda, a ruda lingua mal composta
Dos proprios outro nome lhe tem dado).
Aqui, no mar, que quer apressurado
Entrar por a garganta d'este braço,
        Me trouxe um tempo e teve
        Minha fera ventura.
Aqui, nesta remota, aspera e dura
Parte do mundo, quiz que a vida breve
Tambem de si deixasse um breve espaço,—
        Por que ficasse a vida
Por o mundo em pedaços repartida.

Aqui me achei gastando uns tristes dias,
Tristes, forçados, maus, e solitarios,
De trabalho, de dor, e d'ira cheios,—
Não tendo tão-sómente por contrarios
A vida, o sol ardente, as aguas frias,
Os ares grossos, férvidos e feios;
Mas os meus pensamentos, que são meios
Para enganar a propria natureza,
        Tambem vi contra mi,—
        Trazendo-me á memoria
Alguma já passada e breve gloria,
Que eu já no mundo vi... quando vivi:
Por me dobrar dos males a aspereza,
        Por mostrar-me que havia
No mundo muitas horas de alegria.

On voit le cap où meurt, après un long chemin,
L'Orient enflammé du rivage africain;
Ce cap qui fut jadis le Cap des Aromates,
Et dont, au gré des temps et de langues ingrates,
De ces climats brûlants le rude possesseur,
Pour un nom tout barbare, a changé la douceur.
C'est ici que la mer, qui, comme vers son gîte,
A travers ce détroit court et se précipite,
Cédant aux vœux cruels de mon cruel destin,
Me jeta furieuse et repartit soudain.
C'est dans cette lointaine, affreuse et dure plage,
Que le sort inflexible a voulu dans sa rage
Retrancher de ma vie encor quelques lambeaux,
Pour qu'elle fût partout divisée en morceaux.

Ici, je coule, hélas! de tristes jours précaires,
Tristes, accablants, mauvais et solitaires,
Pleins d'ennui, de douleur, de rage et désespoir;
Ici, de m'opprimer tout se fait un devoir:
Le soleil foudroyant, les eaux de froide glace,
Des airs impétueux l'horrible et sombre face,
Et ma folle pensée, et mon cœur délirant
Qui, loin de raffermir mon courage expirant,
D'un passé lumineux rappelle à ma mémoire
La splendeur mensongère et l'éphémère gloire,
Qu'au monde j'avais vue, alors que je vivais.
Et, pour que ma douleur ne se calme jamais,
Ma fantaisie en feu veut aussi que je voie
Qu'il m'était dû, peut-être, au monde quelque joie.

Aqui estive eu com estes pensamentos
Gastando tempo e vida, os quaes tão alto
Me subiam nas azas, que caía
(Oh! vêde se sería leve o salto!)
De sonhados e vãos contentamentos
Em desesperação de ver um dia.
O imaginar aqui se convertia
Em improvisos choros e em suspiros,
        Que rompiam os ares.
        Aqui a alma captiva,
Chagada toda, estava em carne viva,
De dores rodeada e de pezares,
Desamparada e descoberta aos tiros
        Da suberba Fortuna,
Suberba, inexoravel e importuna.

Não tinha parte donde se deitasse,
Nem esperança alguma, onde a cabeça
Um pouco reclinasse, por descanso:
Tudo dor lhe era e causa que padeça,
Mas que pereça não,—por que passasse
O que quiz o destino nunca manso.
Oh! que este irado mar gemendo amanso!
Estes ventos, da voz importunados,
        Parece que se enfreiam:
        Sómente o céo severo,
As estrellas e o fado sempre fero,
Com meu perpetuo damno se recreiam,
Mostrando-se potentes e indignados
        Contra um corpo terreno,
Bicho da terra vil, e tão pequeno!

Sans cesse de ce rêve accompagnant le cours,
Pour abréger mes nuits et pour charmer mes jours,
Tantôt jusques au ciel sur son aile rapide
Je m'élève, et tantôt, oh! Fortune perfide,
Je retombe, du haut de ce songe doré,
Dans l'affreux désespoir, le cœur tout déchiré.
Alors l'illusion, dépouillant tous ses charmes,
Se condense en torrents de douloureuses larmes,
Et mon âme meurtrie, et sentant de son flanc
Par cent bouches couler goutte à goutte son sang,
N'en pouvant plus, hélas! de misère et de peines,
Sans armes ni défense et ployant sous ses chaînes,
En butte aux lâches coups de l'implacable sort,
Tombe brisée enfin et demande la mort.

Il n'était point pour elle au monde une retraite,
Pour mon corps un refuge, un abri pour ma tête:
Tout me fut refusé, jusques au triste espoir
D'en finir par la mort avec un sort si noir;
Et, tandis qu'un feu lent me déchire et consume,
J'ai dû boire à pleins bords la coupe d'amertume...
Ah! l'océan lui-même est sensible à mes pleurs!
Et les vents irrités, retenant leurs fureurs,
Paraissent compatir à mes trop justes plaintes!
Mais ces astres du ciel, mais ces cohortes saintes,
Se riant sans pitié de mes cruels tourments,
Suscitent contre moi l'ardeur des éléments,
Pour assouvir enfin leur immense colère
Sur un chétif et vil et triste ver de terre!

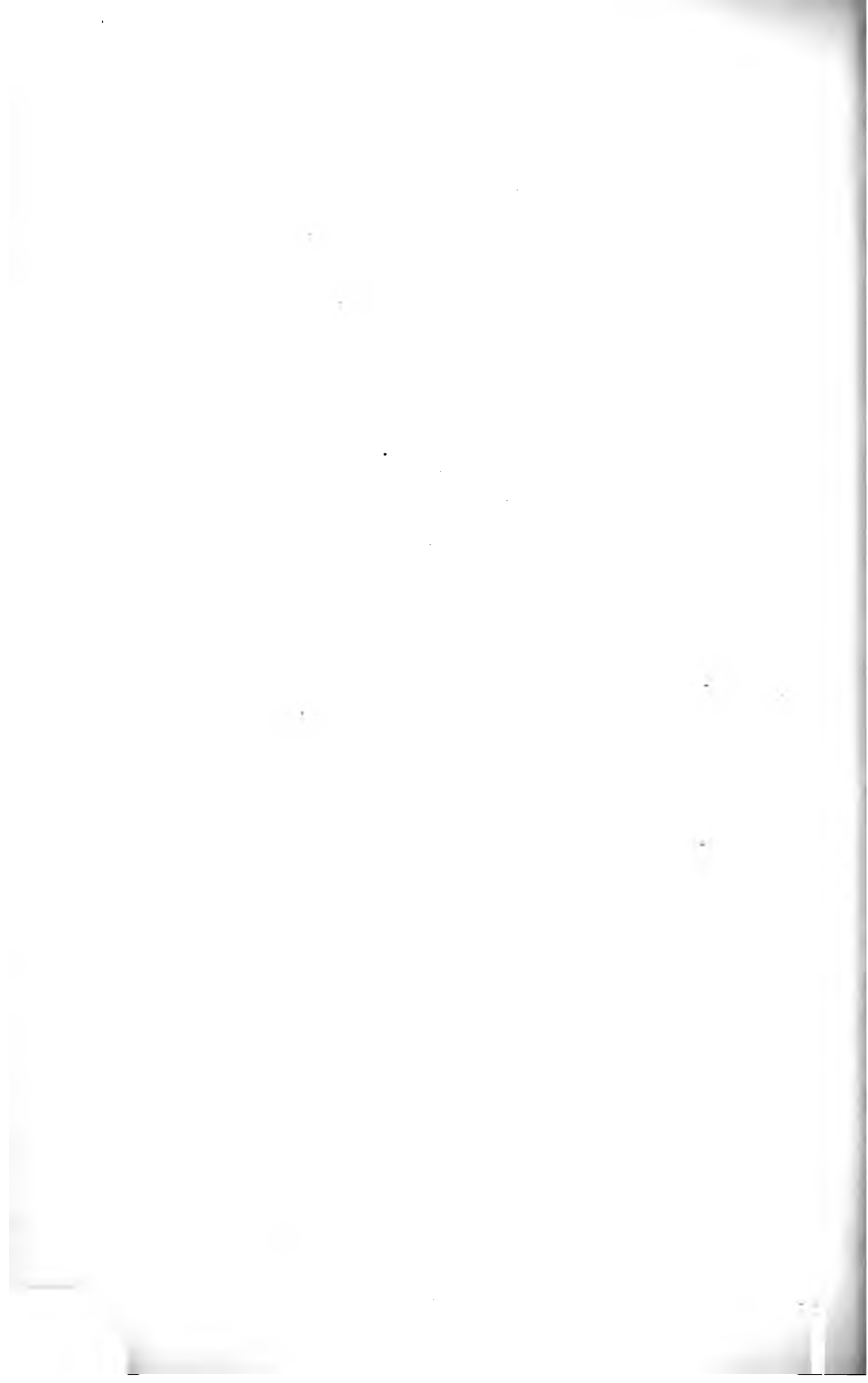
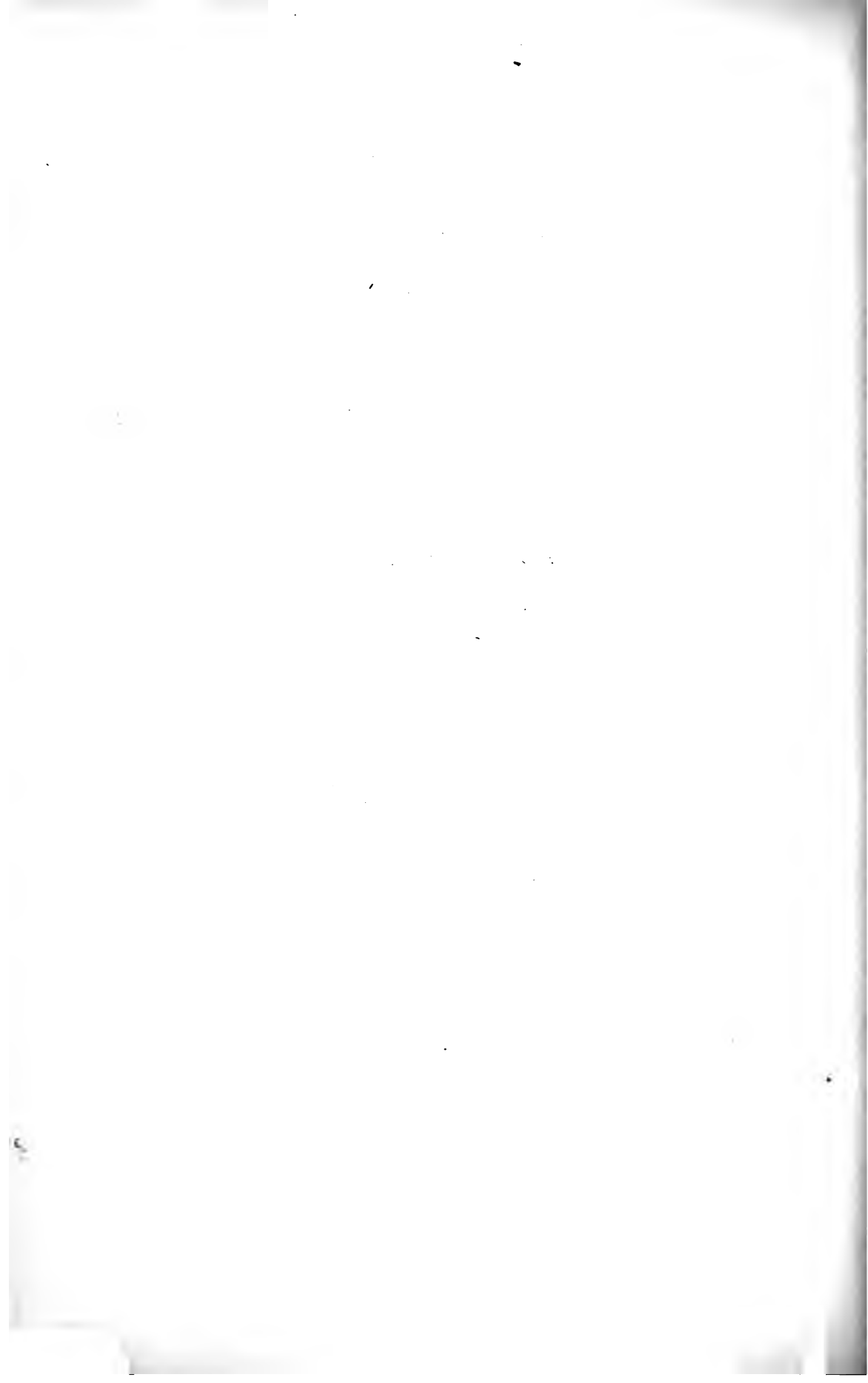
Se de tantos trabalhos só tirasse
Saber inda por certo que algum'hora
Lembrava a uns claros olhos que já vi,—
E se esta triste voz, rompendo fóra,
As orelhas angelicas tocasse
D'aquella em cuja vista já vivi,
A qual, tornando um pouco sobre si,
Revolvendo na mente pressurosa
Os tempos já passados
De meus doces errores,
De meus suaves males e furores,
Por ella padecidos e buscados,—
E (posto que já tarde) piedosa,
Um pouco lhe pezasse,
E lá entre si por dura se julgasse:

Isto só que soubesse me sería
Descanso para a vida que me fica;
Com isto afagaria o soffrimento.
Ah! Senhora! Ah! Senhora! E que tão rica
Estais, que cá tão longe de alegria
Me sustentais com doce fingimento!
Logo que vos figura o pensamento,
Foge todo o trabalho e toda a pena.
Só com vossas lembranças
Me acho seguro e forte
Contra o rosto feroz da fera morte;
E logo se me juntam esperanças
Com que a fronte, tornada mais serena,
Torne os tormentos graves
Em saudades brandas e suaves.

S'il m'était, cependant, permis, dans ces déserts,
D'espérer que, parfois, au bout de l'univers,
Deux tendres yeux, levés au nuage qui passe,
Songeant au pauvre absent, interrogent l'espace;
Si cette âme où j'ai mis mon âme et mon espoir,
A mes accents plaintifs se sentant émouvoir,
Ramenait sur soi-même un œil juste et sincère,
Et, des jours d'autrefois évoquant l'ombre chère,
Pensait à mon amour, pensait à tant de maux,
Tant de pleurs, de soupirs, de soucis, de travaux,
Dont j'endurais pour elle, heureux, l'âpre torture,
Et que, bien que trop tard, laissant d'être si dure,
Prise enfin d'un remords et d'un tendre souci,
S'avouât qu'elle fut sans pitié ni merci...

Ah! oui, si cette joie au moins m'était donnée,
Loin d'accuser ainsi ma vie infortunée,
Je me croirais heureux, j'oublierais mes chagrins,
Mon ciel serait moins sombre, et plus doux mes destins;
Ce seul contentement suffirait à mon âme,
Et je pourrais encore... hélas! hélas! madame,
Dans l'horrible détresse où je me sens mourir,
Ce que peut sur mon cœur votre seul souvenir!
A peine votre image accourt à ma pensée,
La souffrance présente et l'angoisse passée,
Tout cesse, tout s'efface, et je me prends encor
A suivre dans les cieux de nouveaux rêves d'or,
Et, mes yeux, éprouvant cette douce influence,
Se mouillent tout à coup de larmes d'espérance!

Aqui com ellas fico perguntando
Aos ventos amorosos, que respiram
Da parte donde estais, por vós, Senhora,—
Ás aves que alli voam, se vos viram,
Que fazieis, que estaveis praticando,
Onde, como, com quem, que dia e que hora.
Alli a vida cansada se melhora,
Toma espiritos novos, com que vença
A fortuna e trabalho,
Só por tornar a ver-vos,
Só por ir a servir-vos e querer-vos.
Diz-me o tempo que a tudo dará talho:
Mas o desejo ardente, que detença
Nunca soffreu, sem tento
Me abre as chagas de novo ao soffrimento.

Enfin, dans cet exil, mon seul soulagement,
C'est de parler de vous, madame, constamment,
Faute d'un cœur ami qui partage mes peines,
A la brise qui vient de vos rives lointaines,
A la lune rêveuse, aux doux chantres des airs,
A l'orage qui passe en grondant sur les mers;
Je demande au soleil, à l'étoile, à la nue,
Si du haut de l'azur, madame, ils vous ont vue,
Avec qui vous parliez, où, quand, de qui, sur quoi,
Et si jamais votre âme eut un soupir pour moi.
Dans cette chère erreur où mon esprit se plonge,
Je songe à vous le jour, et la nuit je ne songe
Qu'à vous, ange adoré qui peuplez mon sommeil...
Oh! qu'après un tel songe est triste le réveil!

REDONDILHAS

Ao Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Senhor

Pedro Augusto de Mello de Carvalho Monteiro

Que de tal pae tal filho se esperava.

CAMÕES — *Os Lusiadas*, Canto III, Est. 28.

J. B.

SUPER FLUMINA BABYLONIS

Sôbolos rios que vão
Por Babylonia, me achei,
Onde sentado chorei
As lembranças de Sião,
E quanto nella passei.
Alli o rio corrente
De meus olhos foi manado;
E tudo bem comparado,
Babylonia ao mal presente,
Sião ao tempo passado.

Alli lembranças contentes
N'alma se representaram;
E minhas cousas ausentes
Se fizeram tão presentes
Como se nunca passaram.

SUPER FLUMINA BABYLONIS

Près des fleuves de Babel,
Le corps las, l'âme meurtrie,
J'ai pleuré le sort cruel
De Sion et d'Israel,
Et la mémoire chérie
Des doux champs de ma patrie.
Là, des pleurs que j'ai versés
S'est formée une onde claire
Où mes maux sont retracés;
Et j'égale, en ma misère,
Babel à cette heure amère,
Sion aux beaux jours passés.

Là, des images charmantes
A mon cœur venant s'offrir,
Je vis, en mon souvenir,
Mes chères amours absentes,
Si vives et si présentes,
Que je les croyais sentir.

Alli, despois de acordado,
Co'o rosto banhado em agua,
D'este sonho imaginado,
Vi que todo o bem passado
Não é gosto, mas é magua.

E vi que todos os damnos
Se causavam das mudanças,
E as mudanças dos annos;
Onde vi quantos enganos
Faz o tempo ás esperanças.
Alli vi o maior bem
Quão pouco espaço que dura;
O mal quão depressa vem;
E quão triste estado tem
Quem se fia da ventura.

. . . .

Vi aquillo que mais val'
Que então se entende melhor
Quando mais perdido fôr:
Vi ao bem succeder mal,
E ao mal muito peor.
E vi com muito trabalho
Comprar arrependimento:
Vi nenhum contentamento,
E vejo-me a mi que espalho
Tristes palavras ao vento.

Mais ce rêve plein de charmes
Fuit comme une vague erreur,
Et, les yeux baignés de larmes,
J'ai vu que tout mon bonheur,
Semé d'ennuis et d'alarmes,
Cachait plus d'une douleur.

Car les maux de l'existence
Sont le fruit des changements,
Dont la cause est la souffrance
Que nous apportent les ans,
Ou le tort que fait le temps
A la plus noble espérance.
Oh! le bien le plus divin,
Quels brefs instants il nous dure!
Comme vient le mal soudain!
Et que de chagrins endure,
Celui qui, par aventure,
Se confie à son destin!

Et j'ai vu, l'âme agitée,
Que tout va de mal en pis;
Que la fleur du plus haut prix
N'est mieux et plus regrettée
Qu'alors qu'elle est emportée
Par les destins ennemis;
Que chacun, d'un soin extrême,
Cherche un repentir trop cher;
Et, déçu dans ce que j'aime,
Je me vois enfin moi-même,
Qui, triste, vainement sème
De tristes phrases en l'air.

Bem são rios estas aguas,
Com que banho este papel:
Bem parece ser cruel
Variedade de maguas,
E confusão de Babel.
Como homem, que por exemplo
Dos transes em que se achou,
Despois que a guerra deixou,
Pelas paredes do templo
Suas armas pendurou:

Assi, despois que assentei
Que tudo o tempo gastava,
Da tristeza que tomei,
Nos salgueiros pendurei
Os orgãos com que cantava.
Aquelle instrumento ledo
Deixei da vida passada,
Dizendo: — Musica amada,
Deixo-vos neste arvoredo
Á memoria consagrada.

....

Ficareis offerecida
Á Fama, que sempre véla,
Frauta de mi tão querida;
Porque, mudando-se a vida,

Oui, de mes larmes j'inonde
Ce papier, à flots de fiel;
Oui, de mon malheur cruel
La diversité féconde
Partout me montre, à la ronde,
Un vrai chaos de Babel.
Comme un homme, par exemple,
Qui, las d'efforts et d'émois,
Fuyant la guerre et ses lois,
Suspendit aux murs du temple
Son armure qu'il contemple
Pour une dernière fois:

Tel, sans force et sans courage,
Quand j'ai vu que j'épuisais
Tous mes jours, sans avantage,
De dépit je suspendais,
Sur les saules du rivage,
Cette harpe où je chantais:
La harpe tant célébrée
Du temps d'amour, de plaisir,
Disant: Musique adorée,
Sous la garde du zéphyr,
Je te laisse consacrée
Sur l'autel de l'avenir!

....

Je t'offre à la Renommée
Qui sur tout veille toujours,
Toi, qui berçais mes amours,
O ma harpe bien-aimée;

Se mudam os gostos d'ella.
Acha a tenra mocidade
Prazeres accommodados;
E logo a maior edade
Já sente por pouquidade
Aquelles gostos passados.

Um gôsto que hoje se alcança,
Amanhã já o não vejo:
Assi nos traz a mudança
De esperança em esperança,
E de desejo em desejo.
Mas em vida tão escassa
Que esperança será forte?
Fraqueza da humana sorte,
Que quanto da vida passa
Está recitando a morte!

Mas deixar nesta espessura
O canto da mocidade!
Não cuide a gente futura
Que será obra da edade
O que é força da ventura.
Que edade, tempo, e espanto
De ver quão ligeiro passe,
Nunca em mi puderam tanto,

Car tôt s'en vont en fumée
Nos desseins avec nos jours.
Ainsi la tendre jeunesse
Trouve en tout des agréments,
Et puis l'âge de sagesse
Croit futiles, et délaisse
Tous ces doux amusements
Qui charmaient ses premiers ans.

Tout bien fuit dès qu'on y pense,
Et qui peut le ressaisir?
Ainsi nous mène à plaisir
De ce monde l'inconstance,
D'espérance en espérance
Et de désir en désir.
En cette vie incertaine,
Quel espoir est assez fort?
Oh! qu'il est triste ton sort,
Misérable vie humaine
Dont chaque heure, éteinte à peine,
Te récite un chant de mort!

Mais, laisser en ce bocage
Les chants de mon beau matin...!
O vous, qui viendrez demain
Recueillir mon héritage,
N'imputez pas à mon âge
Les durs effets du destin!
Car le temps, qui fuit si vite,
Sur mon cœur n'a pu jamais

Que, posto que deixo o canto,
A causa d'elle deixasse.

. . . .

Mas lembranças da affeição,
Que alli captivo me tinha,
Me perguntaram então,
Que era da musica minha
Que eu cantava em Sião?
Que foi d'aquelle cantar,
Das gentes tão celebrado?
Porque o deixava de usar,
Pois sempre ajuda a passar
Qualquer trabalho passado?

Canta o caminhante ledo
No caminho trabalhoso
Por entre o espesso arvoredo;
E de noite o temeroso
Cantando refreia o medo.
Canta o preso docemente,
Os duros grilhões tocando;
Canta o segador contente,
E o trabalhador, cantando,
O trabalho menos sente.

Assouvir si bien ses traits,
Qu'en quittant mes chants d'élite,
Il faille aussi que je quitte
La cause de leurs attraits.

. . . .

Mais, une voix douce et grave,
Réveillant l'affection
Dont je suis encor l'esclave,
Dit en cette occasion:
Qu'as-tu fait du chant suave
Que tu chantais dans Sion?
Pourquoi ne plus faire usage
De ces cantiques si chers
Aux peuples de l'univers,
Si le tendre et doux ramage
Est un baume qui soulage
Nos douleurs et nos revers?

Il chante en l'âpre colline,
Le dispos et gai voyageur
Qui dans la forêt chemine,
Et, la nuit, tremblant de peur,
C'est en chantant que domine
L'homme craintif sa terreur.
Il chante au bruit de ses chaînes,
Le captif dans sa prison;
Le moissonneur, dans les plaines,
Chante en faisant sa moisson,
Et le serf sent moins ses peines,
Aux accents de sa chanson.

Eu, —que estas cousas senti
Na alma de maguas tão cheia,—
Como dirá, respondi,
Quem alheio está de si,
Doce canto em terra alheia?

....

Que não parece razão
Nem sería cousa idonea,
Por abrandar a paixão,
Que cantasse em Babylonia
As cantigas de Sião.

....

Terra bem-aventurada,
Se por algum movimento
Da alma me fôres tirada,
Minha penna seja dada
A perpetuo esquecimento.
A pena d'este desterro,
Que eu mais desejo esculpida
Em pedra, ou em duro ferro,
Essa nunca seja ouvida,
Em castigo de meu erro.

Moi, sentant gémir mon âme,
Si pleine, hélas! de soucis,
A ces mots, je répondis:
Comment dirai-je, sans blâme,
En ce dur exil infâme,
Les doux chants de mon pays?

....

Car quoi que l'amour ordonne
Pour calmer ma passion,
Est-il juste que j'entonne,
Le cœur plein d'affliction,
Sur les champs de Babylone,
Les cantiques de Sion?

....

O Terre sanctifiée,
Si par quelque mouvement
De mon âme fourvoyée
Je t'oublie un seul moment,
Que ma plume, en châtiment,
Soit à jamais oubliée!
Que de l'exil où je vis,
Ce mortel chagrin intime
Ne soit su ni ne s'imprime
Sur le marbre, et que mes cris,
En mémoire de mon crime,
Restent de tous incompris!

E se eu cantar quizer
Em Babylonia sujeito,
Hierusalem, sem te ver,
A voz, quando a mover,
Se me congele no peito;
A minha lingua se apegue
Ás fauces, pois te perdi,
Se, emquanto viver assi,
Houver tempo em que te negue,
Ou que me esqueça de ti.

. . . .

Et, captif dans Babylone,
Si jamais un gai refrain
Sur mes lèvres tourbillonne,
Jérusalem, que, soudain,
Mon souffle, avant qu'il résonne,
Se glace au fond de mon sein!
Que, puisque tu m'es ravie,
Ma langue se pétrifie
Et s'attache à mon gosier,
S'il est un jour dans ma vie,
Sion, où je te renie,
Ou que j'ose t'oublier!

....

MADRIGAL

Vos tenéis mi corazón.

Mi corazón me han robado;
Y Amor, viendo mis enojos,
Me dijo: «Fuéte llevado
Por los más hermosos ojos
Que des que vivo he mirado:
Gracias sobrenaturales
Te lo tienen en prisión.»
Y, si Amor tiene razón,
Señora, por las señales,
Vos tenéis mi corazón.

MADRIGAL

Mon cœur est en votre puissance.

Hélas! mon cœur me fut ravi;
Alors Amour voyant mes larmes,
Me dit: «Ton cœur fut asservi
Par deux yeux pleins de tant de charmes,
Que je n'en vis d'aussi divins,
D'aussi parfaits et souverains,
Depuis le jour de ma naissance.»
S'il en est donc comme il avance,
Madame, á ces signes certains,
Mon cœur est en votre puissance.

BARBARA CAPTIVA

Aquella captiva,
Que me tem captivo,
Porque nella vivo,
Já não quer que viva.
Eu nunca vi rosa
Em suaves mólhos
Que para meus olhos
Fôsse mais formosa.

Nem no campo flores,
Nem no céo estrellas,
Me parecem bellas
Como os meus amores:
Rosto singular;
Olhos socegados,
Pretos, e cansados
Mas não de matar;

III

STANCES SUR BARBARA

Cette belle captive,
Dont je suis tout épris,
Comme en elle je vis,
Ne veut plus que je vive.
J'ai beau voir en tous lieux
Mainte fleur fraîche-éclose,
Il n'est point une rose
Aussi belle à mes yeux.

Dans le ciel point d'étoile,
Point de fleur dans le pré,
Que sa grâce, à mon gré,
Et n'éclipse et ne voile.
Oh! quels attraits divins!
Quels yeux noirs et paisibles!
Qu'ils sont doux et terribles
Ses regards assassins!

Uma graça viva,
Que nelles lhe mora
Para ser senhora
De quem é captiva;
Pretos os cabellos,
Onde o povo vão
Perde opinião
Que os loiros são bellos;

Pretidão de amor;
Tão doce a figura,
Que a neve lhe jura
Que trocára a côr;
Leda mansidão,
Que o sizo acompanha...
Bem parece extranha,
Mas... *barbara* não;

Presença serena
Que a tormenta amansa:
Nella emfim descansa
Toda a minha pena.
Esta é a captiva
Que me tem captivo:
E, pois nella vivo,
É fôrça que viva.

Le feu qui les enflamme
Brille avec tant d'ardeur,
Qu'elle a pris tout mon cœur
Et règne sur mon âme.
A voir ses noirs cheveux,
Le monde entier confesse
Que nulle blonde tresse
Ne charme tant les yeux.

Cette teinte enivrante,
Qui nuance ses traits,
Fait envier son jais
A la neige éclatante.
Sagesse, esprit, douceur,
Tout en elle déclare
Que l'on n'est point *barbare*
Pour avoir sa couleur.

Sa présence sereine
Chasse orage et chagrin;
Elle calme ma peine
Et soulage mon sein.
Telle est cette captive
Dont je suis tout épris:
Si pour elle je vis,
Faut-il pas que je vive?

ENDECHAS Á BÁRBARA

Aquella cautiva,
De quién soy cautivo,
Porque en ella vivo,
No quiere que viva.
Yo nunca vi rosa,
En blandos manojos,
Lucir á mis ojos
Más fresca y hermosa.

Ni el campo dá flores,
Ni el cielo vé estrellas
Que logren ser bellas
Dó están mis amores.
Su rostro es sin par;
Sus ojos son fuego
Que brilla en sociego
Y mata al mirar.

La gracia tan viva
Que allá se atesora,
La ha vuelto señora
De quién es cautiva.
Sus negros cabellos
Al vulgo hacen ver
Que nunca han de ser
Los rubios tan bellos.

Negrura de amor
Le dá tal dulzura,
Que nieve muy pura
Le envidia el color.
Amor la formó
Soláz, mansa y fina:
Es bien peregrina,
Mas *bárbara*. . . no!

Su aspecto sereno
Tormentas amansa,
Y en fin se descansa
Mi pena en su seno.
Tal es la cautiva
De quién soy cautivo;
Si en ella pués vivo,
Es fuerza que viva.

DESVENTURA

MOTE

Dó la mi ventura,
Que no veo alguna?

VOLTAS

Sepa quién padece,
Que en la sepultura
Se esconde ventura
De quién la merece.
Allá me parece,
Que quiere fortuna
Que yo halle alguna.

Naciendo mesquino,
Dolor fué mi cama;
Tristeza fué el ama;
Cuidado el padrino.
Vistióse el destino
Negra vestidura,
Huyó la ventura.

MAUVAISE CHANCE

Que tout homme sache
Qu'on fait bon accueil
A l'âme sans tache
Delà le cercueil.
C'est là que j'espère,
En quittant la terre,
Quitter ce long deuil.

Sous un noir auspice,
J'eus, dès le berceau,
Douleur pour nourrice,
Soucis pour trousseau.
Destin, pour ma fête,
Se couvrit la tête
D'un sombre manteau.

No se halló tormento,
Que allí no se hallase;
Ni bien, que pasase
Sinó como viento.
Oh qué nacimiento,
Que luego en la cuna
Me siguió fortuna!

Esta dicha mia
Que siempre busqué,
Buscándola hallé
Que no la hallaría;
Que quién nace en dia
De estrella tan dura,
Nunca halla ventura.

No puso mi estrella
Más ventura en mí;
Vive en fin así
Quién nace sin ella.
No me quejo de ella;
Quéjome que atura
Vida tan escura.

Tous les Maux ensemble
Vinrent au repas;
Seul, à ce qu'il semble,
Le Bien n'y vint pas.
Hélas! quelle chance,
Depuis ma naissance,
S'attache à mes pas!

Je cours et m'agite
Après un bon sort;
J'ai beau courir vite,
Il court bien plus fort.
Oh! fatal désastre!
Naître sous tel astre,
Voilà mon seul tort!

Telle est ma fortune:
Tel vit l'homme, enfin,
Qui n'en eut aucune.
Contre mon destin
Je ne me plains guère,
Puisqu'il me tolère,
Moi triste, humble et vain.

ENDECHAS

Vai o bem fugindo,
Cresce o mal co'os annos,
Vão-se descobrindo
Co'o tempo os enganos.

Amor e alegria
Menos tempo dura:
Triste de quem fia
Nos bens da ventura!

Bem sem fundamento
Tem certa a mudança,
Certo o sentimento
Na dor da lembrança.

COMPLAINTE

Le bien toujours fuit,
Le mal croît sans cesse :
Chaque heure détruit
D'un rêve l'ivresse.

Amour ou désir
Peu de temps persiste ;
Après un plaisir,
On reste plus triste.

Bonheur sans soutien
S'écroule ou varie ;
La perte d'un bien
Jamais ne s'oublie.

Quem vive contente,
Viva receoso:
Mal que se não sente
É mais perigoso.

Quem males sentiu,
Saiba já temer;
E pelo que viu
Julgue o que ha de ver.

Alegre vivia,
Triste vivo agora;
Chora a alma de dia,
E de noite chora.

Confesso os enganos
Do meu pensamento:
Bem de tantos annos
Foi-se num momento.

Meus olhos, que vistes?
Pois vos atrevestes,
Chorae, olhos tristes,
O bem que perdestes.

A luz do sol pura
Só a vós se negue;
Seja noite escura,
Nunca a manhan chegue.

Heureux! crains un sort
Aussi doux qu'instable:
La flamme qui dort
Est plus redoutable.

Et toi qui gémis,
Fuis l'amour funeste;
Par ce que tu vis,
Juge aussi du reste.

Tout fuit sans retour
Mon cœur à cette heure;
Il pleure le jour,
Et la nuit il pleure.

J'avoue à présent,
Oh! folle chimère!
Qu'un bien séduisant
Est bien éphémère.

Mes yeux qui t'ont vu,
Trésor plein de charmes,
Ayant tout perdu,
Se fondent en larmes.

Qu'à jamais le ciel
Leur cache sa flamme!
Qu'un deuil éternel
Pèse sur mon âme!

O campo floreça,
Murmurem as aguas:
Tudo me entristeça,
Cresçam minhas maguas.

Quizera mostrar
O mal que padeço:
Não lhe dá logar
Quem lhe deu começo.

Em tristes cuidados
Passo a triste vida:
Cuidados cansados!
Vida aborrecida!

Nunca pude crer
O que agora creio:
Cegou-me o prazer
Do mal que me veiu.

Ah! ventura minha,
Como me negaste!
Um só bem que tinha,
Porque m'o roubaste?

Triste phantasia
Quanta cousa guarda!
Quem já visse o dia
Que tanto lhe tarda!

Que les douces fleurs,
Les eaux murmurantes,
M'arrachent des pleurs,
Des plaintes ardentes!

Je voudrais conter
Ma peine, et je n'ose:
Tant sait m'éviter
Celle qui la cause.

En sombres soucis
Mon temps se consume:
Soucis incompris!
Temps plein d'amertume!

A ce dénoûment
Rien ne m'eût fait croire:
Triste aveuglement!
Bonheur illusoire!

Sort cruel! combien
Tu me nuis sans trêves!
J'avais un seul bien,
Et tu me l'enlèves...!

Tout noir souvenir
Jamais ne s'efface...
Qu'il tarde à venir
Le jour où tout passe!

Nesta vida cega
Nada permanece;
O que inda não chega,
Já desapparece.

Qualquer esperança
Foge como o vento;
Tudo faz mudança,
Salvo o meu tormento.

Amor cego e triste,
Quem o tem padece:
Mal quem lhe resiste!
Mal quem lhe obedece!

Ne meu mal esquivo
Sei como amor trata:
E, pois nelle vivo,
Nenhum amor mata.

Nul plaisir, nul soin
Ici-bas ne dure,
Ce qui luit au loin
S'éteint à mesure.

Comme un vent léger
Fuit toute espérance;
On voit tout changer,
Hormis ma souffrance.

L'amour nous déçoit,
L'amour nous attriste,
Soit qu'on cède, ou soit
Que l'on y résiste.

L'amour a soumis
Mon âme abattue;
Mais, puisque je vis,
Nul amour ne tue.

INDICE

Acabou de imprimir-se

Aos 9 dias do mez de Junho do anno

M DCCC XCVIII

NOS PRELOS DA

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

PARA A

COMMISSÃO EXECUTIVA

DO

CENTENARIO DA INDIA